

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-graduação *strictu sensu* em Psicologia

Lucas Ferreira Pedro dos Santos

O AMOR COMO FATOR ESTRUTURANTE DO PSIQUISMO E DO *SOCIUS*:

INTERLOCUÇÕES ENTRE AMOR E ÉTICA

Uma leitura freudiana a partir do desamparo

BELO HORIZONTE

2016

LUCAS FERREIRA PEDRO DOS SANTOS

**O AMOR COMO FATOR ESTRUTURANTE DO PSQUISMO E DO *SOCIUS*:
INTERLOCUÇÕES ENTRE AMOR E ÉTICA
Uma leitura freudiana a partir do desamparo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *strictu sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Jacqueline de Oliveira
Moreira

Belo Horizonte

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S237a	<p>Santos, Lucas Ferreira Pedro dos</p> <p>O amor como fator estruturante do psiquismo e do <i>socius</i>: interlocuções entre amor e ética uma leitura freudiana a partir do desamparo/ Lucas Ferreira Pedro dos Santos. Belo Horizonte, 2016. 72 f.</p> <p>Orientadora: Jacqueline de Oliveira Moreira Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.</p> <p>1. Freud, Sigmund, 1856-1939. – Crítica e interpretação. 2. Amor - Aspectos psicológicos. 3. Desamparo (Psicologia). 4. Psicanálise e ética. 5. Interação social. I. Moreira, Jacqueline de Oliveira. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.</p> <p>SIB PUC MINAS</p> <p>CDU: 159.964.26</p>
-------	---

LUCAS FERREIRA PEDRO DOS SANTOS

**O AMOR COMO FATOR ESTRUTURANTE DO PSIQUISMO E DO *SOCIUS*:
INTERLOCUÇÕES ENTRE AMOR E ÉTICA
Uma leitura freudiana a partir do desamparo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *strictu sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Prof^a. Dr^a. Jacqueline de Oliveira Moreira (Orientadora)

Prof^a. Dr^a Márcia Stengel – PUC Minas

Prof. Dr^a Nádia Laguardia – UFMG

Belo Horizonte, 03 de março de 2016.

À minha família, meu ponto de partida para a vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre me desafiar e me tirar de minha zona de conforto para me fazer crescer.

À minha família pelo apoio, carinho e torcida pelo meu sucesso. Em especial ao Davizinho, um sopro de vida nos momentos de atribulação.

À prof. Jacqueline por apostar em mim, pela paciência, por tornar essa jornada menos penosa e ser sempre humana e positiva.

A meus amigos Michel e Thalita pela companhia, incentivo, carinho e apoio durante essa empreitada. À Thalita também pela ajuda prática com a formatação desde o pré-projeto e por não me deixar desistir.

Aos demais amigos, colegas, professores, que também fazem parte da minha trilha até aqui.

“Só o amor atua como fator civilizador”.

(FREUD, 1921, p.130).

“[...] o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*”. (FREUD, 1895, p. 379).

RESUMO

O presente trabalho se propõe a apontar a partir da leitura do texto freudiano a importância inexorável do amor no processo de constituição psíquica e para a existência e saúde da vida em sociedade. Nossa proposta parte do reconhecimento da radicalidade do desamparo como marca da existência humana, condição que coloca o amor como bastião da vida e aponta para a dívida simbólica com o outro, isto é, sua dimensão ética. Freud nos demonstra que, ao cuidar do bebê, neste ato de amor, o outro garante sua sobrevivência e também o libidiniza, tirando-o de seu estado puramente biológico e introduzindo-o assim ao mundo humano, à abertura para a alteridade, à cultura. Vemos nos escritos freudianos que o amor marca presença não apenas nesses cuidados iniciais, mas em todo o percurso do desenvolvimento psíquico do indivíduo e na delimitação de seus laços com as pessoas à sua volta. Assim, não é por acaso que a vivência do complexo de Édipo será tomada como fator central e definidor da estruturação psíquica, da construção da identidade, das escolhas amorosas e demais relações afetivas da vida do indivíduo, de seu lugar no mundo. O reconhecimento da dependência do outro e de seu ato de amor que decorre do desamparo serão, juntamente com o complexo de castração, portanto, motivo de toda moral humana. A partir da noção de Eros Freud irá assinalar ainda o lugar do amor como força agregadora que assegura a existência da vida comum, fazendo frente às forças destrutivas que ameaçam a estabilidade e segurança dos laços humanos. Freud irá afirmar que estes laços, no entanto, não se mantêm senão por força de certa perda no que tange à satisfação pessoal em prol do bem comum e da segurança garantida pelo pacto social. Este conflito inerente ao modo de vida humano se traduz no chamado mal-estar na cultura. Por fim, ao considerar as postulações freudianas, vemos confirmada nesse percurso, em consonância com nossa proposta inicial, a marca indelével do amor como elemento fundante do humano e destacamos seu aspecto ético, delimitador de sua constituição e de sua existência como ser social.

Palavras-chave: Freud. Amor. Desamparo. Constituição psíquica. Laço social. Ética.

ABSTRACT

This paper is intended to show, from reading some of the main texts of Freud's work, the inexorable importance of love in the process of psychic constitution and for existence itself, as well as life in society. Our proposition started from the recognition of the radicality of abandonment as a mark of human existence – condition that puts love as stronghold of life, and points to the symbolic debt to the other, that is, its ethical dimension. . Freud shows us that, by taking care of a baby, in this act of love, one guarantees this baby's survival, besides inducing his libido, taking him from his purely biological state and introducing him to the human world, opening him for alterity and culture. It can be seen in Freud's writings that love is present not only in these initial stages of care, but in all the course of a person's psychic development, and also in delimitating his ties with the people around him. Therefore, it's not by chance that the experience of Oedipus complex is taken as the main piece of, and also what defines the psychic organization, the identity construction, the loving choices, likewise the other affective relationships concerning an individual's life and his place in the world. The recognition of the other one's dependence and of his act of love that follows abandonment should be, therefore, along with castration complex, the cause of all human morality. From the notion of Eros, Freud points the status of love as the aggregative force that ensures existence of common life, confronting the destructive forces that threaten stability and security of human ties. Freud says that these ties, however, are not steady because of anything other than the strength of certain loss regarding personal satisfaction in favor of common welfare and safety brought by social pact. This conflict, intrinsic to human's way of life, translates itself in what can be named as the culture inquietude. Ultimately, by considering Freudians postulations, we can confirm in this course, aligned to our initial purpose, love's permanent mark as human being's founding element and we highlight its ethical aspect, delimitating both his health and his existence as a social being.

Keywords: Freud. Love. Abandonment. Psychic constitution. Social ties. Ethic.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 A QUESTÃO DO DESAMPARO	13
2.1 A inesperada dimensão psicológica, intersubjetiva e ética dos escritos do Projeto para uma Psicologia Científica	13
2.2 Do desamparo à sexualidade: os sintomas neuróticos, suas raízes afetivas e suas consequências morais e éticas conforme as teorizações pré-psicanalíticas	17
2.3 Amor e sexualidade: a sexualidade infantil e as relações primordiais, sua importância e efeitos na constituição psíquica e seu aspecto ético	26
3 NARCISISMO, AMOR e ÓDIO: FATORES DETERMINANTES NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA E NA ÉTICA HUMANA	42
3.1 O Narcisismo, a formação do eu e a escolha do objeto de amor do fechamento em si à abertura ao outro	42
3.2 O eu e o outro, amor e dívida simbólica	45
3.3 O lugar do amor e do ódio na economia libidinal e o aspecto ético da organização pulsional.....	50
4 ÉDIPO E IDENTIFICAÇÃO, AS MANIFESTAÇÕES DE EROS COMO FUNDAMENTO DO HUMANO E DA CULTURA	45
4.1 As implicações das vivências do complexo de Édipo na constituição do eu e do <i>socius</i> : a ética como mediadora entre o desejo e a lei.....	45
4.2 Do primeiro amor ao laço social, o <i>socius</i> como consequência e extensão das relações primordiais	61
5 CONCLUSÃO.....	67
REFERÊNCIAS	69

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre o amor não é tarefa simples, e talvez seja impossível conceitua-lo, apreendê-lo, descrevê-lo ou compreendê-lo de forma absoluta. Ao longo de toda história da humanidade o amor intriga filósofos e cientistas, é tema fértil para os teólogos, ocupa inúmeras obras dos mais renomados poetas e romancistas, inspira as artes, é o pivô de aventuras e desventuras reais ou fictícias, e por mais que se fale dele, ele nunca se esgota. É inegável, assim, sua importância na vida humana seja para a realização e felicidade pessoal, em sua contribuição para a manutenção da espécie, como possibilidade de transcendência ou como fundamento da vida em comum. Não obstante à época, cultura, raça ou credo ou às diferentes formas e expressões que o amor possa assumir conforme estes fatores, é consenso a consideração do amor como marca da existência humana.

A tematização freudiana do amor é, como se sabe, fortemente marcada pela dimensão da sexualidade e, ao longo de sua obra, ainda que Freud venha a apontar o papel do amor como defensor da vida e garantidor das relações humanas, ele não deixa de apontar, ao mesmo tempo, ou mesmo enfatizar, seu caráter ambivalente, suas raízes narcisistas e seu comprometimento fundamental com a busca egoísta dos interesses e satisfação pessoal. Seria possível, apesar de tudo isso, apontar no texto freudiano, a partir da noção de desamparo, o amor como base para uma ética das relações humanas?

Freud não estava, a princípio, interessado em teorizar sobre o amor, questão que virá a ganhar seu interesse gradualmente. Não obstante, o amor atravessa toda sua obra, desde os escritos pré-psicanalíticos, os relatos das históricas, passando pela formulação da teoria da sexualidade, pela discussão das questões e impasses nas relações amorosas atravessados pelos costumes da época, nas formulações sobre o narcisismo, na proposição de um complexo fundamental de caráter edipiano, na relação transferencial que é base de sua clínica, em suas discussões sobre as relações sociais e os fenômenos de grupo, culminando, por fim, com a noção de Eros contraposto à pulsão de morte e a questão do mal-estar na civilização (cultura). Ao longo dessas teorizações o tema ganha não apenas importância, mas diferentes colorações e matizes, que vão desde uma perspectiva do amor como pura satisfação da pulsão, até a consideração do amor como diferenciado das demais formas de expressão pulsional e como ponto de partida para o reconhecimento da alteridade, isto é, a consideração da relação de afeto como uma relação entre duas pessoas, seu aspecto terno.

É importante assinalar que sob o termo amor, no presente trabalho, consideramos suas mais diversas formas e manifestações nos vários tipos de laços humanos, de modo que o uso que fazemos do termo não se limita a designar as relações a que Freud chamará *objetais*, e que incluem uma finalidade sexual propriamente dita, mas abrange as relações em que esta finalidade se apresenta inibida, caso das identificações. Consideramos ademais que mesmo nas parcerias amorosas em que se inclui a finalidade sexual, como nos aponta Freud em suas *Contribuições à Psicologia do Amor* (1910) estará presente não apenas uma corrente sexual da pulsão, mas também sua corrente terna, de caráter sublimado. É, talvez, nessa corrente terna que possamos mais facilmente localizar e fundamentar uma dimensão ética do amor, visto que essa corrente seria derivada da relação primordial, relação a partir da qual se daria o reconhecimento da dívida simbólica em função do cuidado recebido pelo indivíduo quando se encontrava na condição de desamparo, sendo o desamparo a raiz de todos os motivos morais, como destacará Freud (1895).

A singularidade deste trabalho está, portanto, em apontar essa correlação entre amor e ética no texto freudiano, demonstrando sua importância na constituição da psique e do *socius*. Esta correlação, que poderia parecer impossível num primeiro momento, se torna possível por meio das brechas e ambivalências presentes em seus escritos, e de uma leitura que compreenda um texto como entidade viva e renovável que só existe na relação com seu leitor/interlocutor. Ademais, ainda que seja inesperada a revelação da presença de tal relação no texto de Freud, a relação amor-ética não é de nosso privilégio inaugurar, tal relação pode ser vista no pensamento cristão e nas proposições de diversos filósofos ao longo do tempo, a começar pelo clássico Platão. A nosso favor, e como prova de nosso argumento, recorreremos brevemente aqui a um autor contemporâneo, filósofo renomado, cujas colocações vêm ao encontro de nossa proposta. Fernando Savater (1994) afirma em “*Ética para um jovem*” o amor como limiar último da ética das relações humanas. Em suas palavras,

Promo-nos no lugar do outro é algo mais do que o começo de toda a comunicação simbólica com ele: trata-se de levar em conta os seus direitos. E quando os direitos faltam é preciso compreender as suas razões. Porque há uma coisa a que qualquer Homem tem direito frente aos outros homens, ainda que seja o pior de todos os homens: tem direito - direito humano - a que um outro tente pôr-se no lugar dele e compreender o que ele faz e o que ele sente. Mesmo que seja para o condenar em nome de leis que toda a sociedade deve admitir. Numa palavra, pores-te no lugar do outro é tomá-lo a sério, considerá-lo tão plenamente real como tu próprio.

[...]

Porque grande parte da difícil arte de nos pormos no lugar do próximo tem a ver com isso a que desde há muito tempo se chama justiça. [...] falo também da virtude da justiça, quer dizer: da habilidade e do esforço que devemos praticar, cada um de nós, se quisermos viver bem – a fim de entendermos o que os nossos semelhantes podem esperar de nós.

[...]

Do mesmo modo que ninguém pode ser livre em teu lugar, também é certo que ninguém pode ser justo por ti, se não te deres conta de que deves sê-lo para viveres bem. Para entenderes completamente o que o outro pode esperar de ti não tens outro remédio senão amá-lo um pouco, ainda que se trate de amá-lo somente por ser ele também humano... e este pequeno mas importantíssimo amor é algo que não pode ser imposto por nenhuma lei instituída. Quem vive bem, deve ser capaz de uma justiça simpática, ou de uma justa compaixão. (SAVATER, 1994, p. 86-90).

Nos utilizamos deste pequeno trecho do livro de Savater para apontar aqui um exemplo de discussão em que se pode encontrar uma intercessão entre amor e ética e, deste modo, apresentar um pensamento do qual podemos partir para iluminar a nossa leitura do texto freudiano, nos dando pistas de alguns pontos possíveis de encontro entre essas duas dimensões da vida humana que suspeitamos poderem ser observados também nas teorizações do pai da psicanálise e que queremos delas destacar. Se o fundamento básico de toda ética é algo em torno de não fazer ao outro o que não gostaríamos que nos fizessem, colocar-nos no lugar do outro, ou algo do tipo, como propõem diversos filósofos que ao longo da história tem se debruçado sobre o tema, vemos também em Freud que a possibilidade de laços humanos e de uma vida em comum se firma na identificação, uma das manifestações do amor, e que desta deriva o reconhecimento da alteridade.

Pensar num conceito psicanalítico de amor consiste, especialmente, em apontar a forma singular que este foi apreendido por Freud em sua experiência clínica, a partir da qual ele problematizará também seu lugar no âmbito social, afinal, segundo afirma, em *Psicologia das massas e análise do eu (1921)*, toda psicologia individual é também, e ao mesmo tempo, social e vice-versa. Esta afirmação é coerente com o fato de que não existe eu sem haver um outro, isto é, de que a relação com o outro, como veremos, é imprescindível e determinante no processo de formação psíquica. Em outras palavras, a relação com o outro é o que nos permite uma existência humana propriamente dita. É por isso que tratamos de forma conjunta aqui a constituição psíquica e do laço social, pois estas caminham lado a lado e nelas encontramos uma base comum, o amor, é também por isso que nos atrevemos a propor uma interlocução entre amor e ética, como apontaremos ao longo desta dissertação. Esta leitura que propomos

tem como ponto inicial e central o desamparo enquanto condição inicial do indivíduo humano e visa destacar as consequências psíquicas e éticas que dele decorrem.

Este trabalho se apoia, portanto, na compreensão de que Freud, ao longo de sua obra, destaca, cada vez mais, a questão do amor como primordial para a psicanálise, uma vez que primordial às relações humanas e, por meio destas, à própria constituição e saúde psíquica dos sujeitos, como da sociedade. Freud chega a afirmar, numa carta endereçada a Jung, que “a Psicanálise é, em essência, uma cura pelo amor” (FREUD *apud* BETTELHEIM, 1982, p. 5.), o que marca seu lugar na análise. O pai da psicanálise também assinala a importância fundamental do amor como sustentáculo do laço social e como força que se opõe à tendência destrutiva do ser humano. Em suas próprias palavras, “só o amor atua como fator civilizador” (FREUD, 1921, p.130). Apoiados nessa afirmação, poderíamos dizer que o amor é aquilo que permite e regula as relações humanas. Isto solidifica nossa perspectiva de encontrarmos nele, a partir do pensamento de Freud, uma função/correspondência ética.

Guiados, portanto, pelo reconhecimento do lugar especial que a psicanálise atribui ao amor é que propomos a trajetória deste trabalho, procurando observar no texto freudiano as possíveis relações entre amor e ética. Nele pretendemos nos aprofundar em algumas proposições encontradas na obra freudiana, afim de assinalar como o amor se afigura não apenas como elementar na dinâmica da vida humana, mas como fundante do humano e base para a ética das relações. Para tal, o trabalho se divide em quatro momentos. Num primeiro momento retomaremos alguns dos primeiros escritos de Freud, especialmente as proposições acerca da experiência de satisfação, encontradas no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), onde nos é apresentada a condição inicial do sujeito caracterizada pelo desamparo, ponto de partida para pensarmos o lugar do amor na vida humana e suas intercessões com a ética das relações. Num segundo momento, abordaremos a participação do amor na formação do eu a partir da noção de narcisismo. Num terceiro momento veremos o lugar do amor na definição da relação com o outro, na formação da identidade e como base para a vida em sociedade, concluindo assim uma trajetória transversal pelos escritos freudianos de forma a se obter um panorama da participação do amor nas mais elementares questões da constituição do indivíduo humano e como fundamento moral do modo de vida que o caracteriza como tal.

2 A QUESTÃO DO DESAMPARO

2.1 A inesperada dimensão psicológica, intersubjetiva e ética dos escritos do Projeto para uma Psicologia Científica

No primeiro momento de suas teorizações, de modo mais marcante, e especialmente nos textos pré-psicanalíticos, isto é, num período em torno de 1885 e 1896, a leitura que Freud faz das questões psíquicas e amorosas, assim como suas elaborações a respeito delas, parte de sua formação médica compromissada com os ideais científicos tradicionais e com uma fundamentação predominantemente biológica. Neste período suas publicações incluem desde trabalhos totalmente dedicados à neurologia a formulações sobre as psiconeuroses em que trata da neurastenia, da neurose de angústia, da neurose obsessiva e da histeria.

Neste mesmo período se dedicou à tentativa de elaboração do *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), e escreveu e publicou, com Breuer, os *Estudos sobre a Histeria* (1895), textos que serão fundamentais para o surgimento da psicanálise. Como é possível observar ao estudar sua obra, as teorizações de Freud vão percorrer um caminho gradual de uma posição de conformidade às exigências científicas da época a um progressivo rompimento com elas, isto é, da lógica de um pensamento marcadamente racionalista, consciencialista e materialista, para uma nova lógica, a lógica do inconsciente.

Não é de se estranhar, tendo em vista sua formação, que em seus primeiros escritos e correspondências Freud use noções como a de um sistema perceptivo (*Wahrnehmungssystem*) cujos registros variam conforme o tipo de neurônios que veiculam essas percepções, como se lê na *Carta 52* (1896), e proponha uma teoria do trauma em que este é compreendido como consequência de uma excitação neuronal excessiva. De forma ainda mais explícita, a disposição inicial de Freud em propor uma nova teoria científica da psique humana é vista na leitura do *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895) elaborado de forma concomitante aos *Estudos sobre a Histeria* (1895). Freud se propõe a elaborar o *Projeto* ao se dar conta da abrangência e complexidade das questões mentais e da importância de suas descobertas obtidas a partir das experiências clínicas e estudos das psiconeuroses, em especial da histeria, vendo nisto a possibilidade de formular toda uma teoria da mente que pudesse se embasar nos conhecimentos fisiológicos reconhecidos em sua época.

Sabemos, no entanto, que o autor abandona o *Projeto* sem terminá-lo, e não vem a publicá-lo, vindo este a tornar-se público muitos anos após sua morte. No entanto, observa-se que nele se encontram as raízes de muitas das ideias presentes em suas teorizações futuras, ainda que aparecendo de maneira modificada ou reelaborada. De fato, diversos dos conceitos nele presentes persistem em toda a obra freudiana, ainda que modificados, como nos informa Gay (1989, p. 87-88)) tais como: “pulsões, repressão e defesa, a economia mental com suas forças em conflito, o animal humano como animal desejante”.

A teoria da mente apresentada no *Projeto* está dividida em três partes: 1) Esquema Geral, onde estão as hipóteses neurofisiológicas a respeito do funcionamento da psique. 2) Psicopatologia, onde aparece com maior destaque a histeria e seus mecanismos. 3) Tentativa de Representar os Processos Psicológicos Normais. A intenção do pai da psicanálise era de descrever o funcionamento da psique a partir de dois fatores determinantes: a quantidade energética e sua base material atribuída aos neurônios. Daí parte o fundamento para a primeira tópica em que se localiza o tripé fundamental da proposta freudiana a respeito do funcionamento psíquico: o fator topográfico, o fator dinâmico e o fator econômico. Estes fatores, que tomam emprestado o modelo da física energética da época, expressam as observações clínicas de Freud da neurose obsessiva e da histeria, nas quais ele marcará que o que difere estes quadros do funcionamento dito normal está na questão da quantidade, isto é, especialmente no fator econômico. Basicamente, haveria, nestes casos, um acúmulo de energia que não pode ser devidamente escoada e que acaba por encontrar como via de expressão o sintoma.

É sob essa lógica que Freud irá tratar da experiência de satisfação nos momentos iniciais da vida, experiência que marcará para sempre a relação do indivíduo com o mundo, sendo pontapé inicial de seu desenvolvimento psíquico e de sua entrada na cultura. A radicalidade dessas vivências iniciais do indivíduo está marcada pela noção de desamparo. A questão do desamparo aparecerá, na obra freudiana, pela primeira vez, no *Projeto* (1895) e ganhará maior relevância posteriormente em sua obra, especialmente a partir da segunda teoria pulsional. Neste primeiro momento, Freud irá tratar da condição do bebê que não é capaz de suprir por si mesmo suas necessidades básicas de sobrevivência, vendo-se dependente da ação de um outro que lhe ofereça os cuidados que lhe garantam a vida.

Antes de mencionarmos mais diretamente alguns fragmentos do *Projeto*, fazemos a ressalva de que o texto possui uma linguagem muito própria e específica, se utiliza de termos

inspirados na neurologia e na física, muitos dos quais não estão presentes nos demais textos de Freud de modo que indicamos a leitura do texto original para uma melhor compreensão dos mesmos, uma vez que não nos deteremos em explicá-los pormenorizadamente, pois não é objetivo deste trabalho se aprofundar nas peculiaridades do Projeto. Nossa referência ao Projeto se destina apenas como ponto de partida para a discussão que propomos desenvolver a respeito da importância do amor no processo de constituição psíquica e como bastião da vida em sociedade. Para tal discussão, partimos da noção de desamparo que se apresenta no referido texto, o que justifica sua menção.

Se retomamos o que está colocado no Projeto a respeito da experiência de satisfação, vemos que o enchimento dos neurônios nucleares no sistema de neurônios impermeáveis terá como consequência, em obediência ao princípio da inércia neurônica, uma mobilização direcionada à descarga da tensão acumulada, deflagrando, assim, um estado de urgência que se traduz em alterações internas a serem expressas pelo bebê por meio de gritos, choro e agitação motora, os quais, no entanto, são incapazes de fazer cessar o incômodo, uma vez que o estímulo endógeno permanece já que este só pode ser abolido (temporariamente) por meio de uma ação específica que requer uma alteração do meio externo. Como denota Freud,

O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por *ajuda alheia*, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*. (FREUD, 1895, p. 379).

Neste pequeno fragmento se condensa uma série de questões da maior importância para problematizarmos as implicações dessas vivências iniciais na formação do indivíduo humano. Freud prossegue dizendo que ao realizar a ação específica, a pessoa que ajuda o desamparado possibilita que nele possam acontecer as atividades necessárias para remover (temporariamente) do interior de seu corpo o estímulo endógeno vivido como incômodo. A experiência de satisfação seria constituída assim da totalidade do evento. Tal experiência, assinala o autor, “tem as consequências mais radicais no desenvolvimento das funções do indivíduo” (FREUD, 1895, P. 379).

Ainda que nas teorizações do Projeto o texto freudiano esteja comprometido com os modelos fisicalistas que marcam o pensamento científico de sua época e possa ser lido de maneira literal em sua objetividade e concretude, a leitura que aqui propomos extrapola seu

teor e intenção explícitos e apela para a possibilidade de vislumbrar nestes escritos a problemática ética e humana implicadas na situação neles apresentada, reconhecendo neles as raízes de questões a serem discutidas por Freud posteriormente em sua obra e mesmo ultrapassando aquilo a que o autor efetivamente problematiza em suas colocações, mas encontrando nelas abertura para novas proposições e questionamentos.

É isto que torna um texto algo vivo e infinito, sempre passível de atualizar-se e ganhar novos significados e usos. É também por esta perspectiva que refutamos as críticas que consideram os escritos freudianos e mesmo a prática da psicanálise como algo datado e ultrapassado, visto que partimos de uma perspectiva compreensiva pela qual um texto, uma teoria e as práticas dela decorrentes são tomados como agentes vivos e móveis, portanto capazes de se renovar ao longo do tempo, sendo, portanto, o fator definidor de sua atualidade ou obsolescência não sua letra mas a leitura que dela se faz, isto é, sua atualidade está a cargo de seu interlocutor. Assinalamos, ademais, a explícita abertura afigurada pelo próprio Freud à discussão que aqui propomos ao afirmar, em suas palavras, o desamparo como fonte primordial de todos os motivos morais.

Dito isto, destaquemos deste evento que constitui a experiência de satisfação algumas características profícuas para a argumentação a que nos propomos. O mais elementar a ser destacado na situação em questão é o fato de o recém-nascido não ter condições motoras ou de linguagem que o permitam realizar a ação específica necessária, o que caracteriza seu estado de desamparo e preconiza sua dependência radical de um outro. A esse respeito, vemos com Moreira (2002 p.65) que a experiência de satisfação inclui as dimensões energética, biológica e psicológica do indivíduo. O grito, o choro e a agitação motora observados no infante se dão como tentativa do próprio sistema de se livrar do aumento de energia, de escoar a energia que preenche os neurônios nucleares, isto é, são, neste sentido, mera expressão do princípio de inércia neurônica. Como vimos, este alívio buscado não é, no entanto, alcançado sem a ajuda de uma pessoa experiente. Temos até aqui a questão energética e o fator da necessidade biológica.

Há, no entanto, o teor psicológico dessa vivência, o qual se encontra na dimensão do grito, do choro e da agitação motora como constituintes de um meio de comunicação que atinge esse outro (pessoa experiente), colocando, assim, a vivência de satisfação no território intersubjetivo. É a dimensão psicológica marcada pelo teor intersubjetivo dessa experiência que nos permite compreendê-la como pedra angular da constituição psíquica e esta, por sua

vez como tributária à entrada na cultura que se dá neste contato com o outro, o qual recobre de significado o grito do bebê e lhe responde por meio da ação específica, oferecendo ao recém-nascido para além do suprimento material de sua necessidade biológica um investimento afetivo e pulsional, reconhecendo-o e introduzindo-o, desta forma, no que se pode chamar de mundo humano, isto é, humanizando-o.

A leitura que propomos da ação realizada pela pessoa experiente que garante a sobrevivência daquele que se encontra em condição de desamparo e com ela o reconhece e introduz no campo do humano é compreendê-la como um ato de amor. Se compreendemos este cuidado oferecido pelo outro em resposta ao desamparo (físico e psíquico) do bebê como uma manifestação de amor, podemos considerar o amor como elemento primordial à constituição psíquica e ética do indivíduo, fundamento de sua humanidade. É preciso destacar que o indivíduo humano não nasce apenas aquém de suprir suas necessidades de sobrevivência, o ser humano nasce sem que sua psique esteja plenamente formada, não existe, a princípio, um eu ou uma consciência de si, e essa só poderá emergir a partir do contato com o outro. Assim, a necessidade de um outro está para além da mera resposta a uma necessidade fisiológica. Poder-se-ia dizer que o indivíduo enquanto tal não nasce no parto, mas é trazido à existência no encontro com o outro que o reconhece como alguém, introduzindo o infante em seu desejo e, simultaneamente, na cultura. Isto é, a existência humana de um indivíduo é tributária ao reconhecimento e investimento feitos por um outro, daí a dimensão ética deste ato de amor.

Em outras palavras, Freud, ao tratar da experiência de satisfação, aponta a necessidade do sujeito humano nos primórdios de sua existência de intervenção e ajuda de um outro de que depende sua nutrição e segurança, isto é sua sobrevivência, e relaciona esse contato ao desenvolvimento da capacidade de comunicação, isto é, da entrada na cultura, na vida em sociedade, e como motivo das razões morais que permitem e norteiam as relações humanas, em função da dívida simbólica pelo favor recebido. Ainda que dito em meio a uma argumentação acerca do escoamento de descargas neuronais, está aqui postulado o acontecimento paradigmático das relações humanas pelo qual se estabelece: em primeiro lugar a necessidade vital dos cuidados de um outro à qual se soma a necessidade desse contato para além da sobrevivência no sentido de introduzir o indivíduo na cultura, ou seja, de garantir-lhe o status humano, ambos os fatores garantidos por um ato de amor, um ato deliberado de cuidado pelo qual se estabelece a dívida simbólica.

Quer dizer, o acolhimento e a satisfação da necessidade encontrados pelo bebê no seio materno, este ato que assegura a vida, são fundamento de toda a moral humana em função da dívida simbólica que deste ato decorre, dívida de vida, e uma vez compreendido como um ato de amor, institui os alicerces para todas as relações humanas e estabelece o amor como bastião da vida e correlato à razão moral primordial decorrente do favor recebido, fundamento ético. É porque fomos reconhecidos por um outro como alguém que podemos existir como indivíduos humanos, ter uma identidade e, da mesma forma repetir este ato de reconhecimento da alteridade, o que mantém e garante nossa existência humana e nos torna animais sociais, de linguagem e capazes de pensar a si mesmos (dotados de uma consciência reflexiva).

É dessa compreensão, de que a raiz dos motivos morais é sustentada por um ato de amor, que encontramos a possibilidade de falar de ética e de propor uma inter-relação entre amor e ética no texto freudiano, ainda que o próprio Freud nunca o tenha feito de modo tão direto, vindo a aproximar-se disso, mais especificamente em suas teorizações sobre Eros, em momento posterior de sua obra. Entende-se por ética, um esforço de regulamentar as relações sociais a fim de propiciar a convivência humana. Uma ética visa ainda dar uma resposta quanto ao que se deve fazer e a como viver. Podemos observar na obra de Freud que ainda que a psicanálise não se proponha como uma ética, uma preocupação ética atravessa o homem Freud e mais especialmente seus escritos. Suas proposições a respeito do tema são fruto de sua prática clínica e se estendem do campo individual ao coletivo.

A grande questão ética que se coloca para a psicanálise e que é colocada pela psicanálise diz respeito ao lugar do homem na cultura, seu sofrimento diante dos limites impostos, seus desejos e sua responsabilidade para com eles. Isto é, que fazer com os nossos desejos de vida e de morte diante das interdições impostas pela cultura. Diante desta pergunta, a psicanálise se coloca contra o moralismo adoecedor, ao qual Freud criticará duramente, mas reconhece o lugar e necessidade de uma Lei para a mediação das relações humanas. Este posicionamento pode ser visto a partir de *Totem e Tabu* (1913) e de forma mais clara no texto onde essa problemática é mais diretamente trabalhada, *O Mal-Estar na Civilização* (1930), e é a partir deste posicionamento que defendemos a possibilidade de se falar de uma ética da psicanálise em Freud e de apontar no pensamento psicanalítico um inesperado encontro entre amor e ética, relação que ganhará maior clareza e sustentação especialmente nas

considerações de Freud a respeito das identificações e do caráter de Eros, como veremos mais adiante neste trabalho.

Partimos, assim, do Projeto para a discussão destes questionamentos aqui levantados. Destacamos, mais uma vez que neste momento de sua obra Freud não tinha nenhum interesse em tratar de amor ou ética, dado o teor de seus escritos e seus ideais científicos. Contudo, e nisto se destaca um traço da genialidade freudiana, ele não pôde deixar de reconhecer e assinalar, ainda que brevemente, o desamparo inicial da vida humana e a resposta do outro experiente como ponto de partida para a intersubjetividade, a comunicação e os motivos morais que sustentam e determinam o modo de vida humano. O pai da psicanálise demarca, ademais, a importância e radicalidade em torno dessa experiência que altera para sempre o funcionamento do indivíduo, possibilita a constituição de sua psique e determina não só a possibilidade de estabelecer laços amorosos, mas também a forma como o indivíduo os estabelecerá, uma vez que esta primeira vivência afetiva, este primeiro contato com o outro, será motivo, base e modelo para os demais.

Podemos sintetizar da seguinte forma os acontecimentos fundamentais à constituição psíquica que se dão nas vivências infantis, são eles: 1) o acolhimento, significação e resposta dados ao choro e gritos do infante por o introduzirem na cultura. 2) A presença física constante e os cuidados corporais sempre recobertos de afeto por erotizarem seu corpo, constituí-lo como corpo pulsional, e contribuir para a formação do eu, visto que, segundo Freud, o eu se forma como um sistema que visa assegurar a evitação do desprazer e reagir contra a dor, isto é, proteger o aparelho psíquico de estímulos que ponham em risco sua integridade, por isso toma para si o que é vivido como prazeroso e ao mundo externo o que é vivido como desprazeroso, afim de separar, dentro e fora, eu e não eu. 3) A apresentação do mundo e de regras, e, por fim, 4) o valor simbólico do amor que guia o que se deve ter e ser para ser amado e norteará o lugar do indivíduo no mundo, isto é, no olhar/desejo/relação do outro. Desenvolveremos melhor esses pontos ao longo do trabalho.

2.2 Do desamparo à sexualidade: os sintomas neuróticos, suas raízes afetivas e suas consequências morais e éticas conforme as teorizações pré-psicanalíticas

Afora o *Projeto*, ainda que de forma indireta, a temática do amor e sua participação tanto no bem-estar como no mal-estar psíquico pode ser encontrada desde os primeiros escritos freudianos. Dentro da concepção do funcionamento psíquico que se tinha neste primeiro momento, amor e sexualidade são tratados como uma única coisa. O amor é pensado a partir da noção ampliada de sexualidade proposta por Freud e tomado como correspondente psíquico da sexualidade.

Essa concepção ampliada a respeito da sexualidade é a base sobre a qual se estrutura a própria teoria, constituindo-se na gênese (base etiológica) da explicação do funcionamento psíquico dos indivíduos, explicando ainda a origem e as causas de seus distúrbios. É importante assinalar que a equivalência entre amor e sexo que se observa no texto freudiano, especialmente nesse primeiro momento, se deve, não apenas a um esforço de Freud em tratar de modo científico suas descobertas, como já apontado, mas também à influência do pensamento romântico, igualmente predominante em sua época, no qual amor e sexo aparecem de forma amalgamada.

Foram as observações clínicas de Freud que despertaram seu interesse sobre o tema da sexualidade à medida que ele foi descobrindo e reconhecendo a importância dos fatores sexuais na causação das neuroses, fato que o levou a empreender uma investigação sobre o assunto. A partir de seus estudos e observações clínicas, Freud irá propor que as raízes da neurose e da perversão estariam igualmente ligadas às experiências afetivo-sexuais infantis. Na *Carta 52* (1896) a Fliess, por exemplo, vemos já afigurados: 1) uma prévia da teoria sexual (a ser aprofundada e destrinchada posteriormente nos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), 2) uma prévia da explicação do funcionamento do aparelho psíquico, 3) a questão do funcionamento peculiar da temporalidade psíquica ou atemporalidade dos conteúdos recalçados e suas manifestações, 4) as relações desses conteúdos e dessa dupla temporalidade com o desenvolvimento psicosssexual, suas revivescências e fixações.

Nos é apresentada por Freud, nesta carta, a ideia de que a constituição da psique se dá progressivamente e regressivamente, a psique não trabalha em um tempo linear. Haveriam sucessivos registros carregados de representantes das realizações psíquicas de épocas sucessivas da vida que sofreriam, na transição entre as épocas, um processo de tradução deste

material a fim de ajustá-lo ao funcionamento próprio da nova época, isto é, se submeteriam a ajustes conforme as aquisições, demandas, complexos e mecanismos próprios a cada momento subsequente do processo de constituição psíquica. Este processo envolve, assim, a ressignificação dos tempos anteriores e com ela uma série de rearranjos da organização da libido e das vias e destinações da pulsão. Assim, ele pontua, ainda na Carta 52, as peculiaridades e sintomas das psiconeuroses como uma falha na tradução em determinada parte do material. Seguindo seu raciocínio argumenta que é a essas falhas que se denomina recalçamento. Conforme expõe:

Cada transcrição subsequente inibe a anterior e lhe retira o processo de excitação. Quando falta uma transcrição subsequente, a excitação é manejada segundo as leis psicológicas vigentes no período anterior e consoante as vias abertas nessa época. Assim persiste um anacronismo: numa determinada região ainda vigoram os “fueros”; estamos em presença de “sobrevivências” (FREUD, 1986, P. 289).

Ao que é tratado nesse momento por “sobrevivências” nesta carta podemos incluir no que será posteriormente tratado como fixações, as quais são marca exemplar dessa dupla temporalidade no funcionamento psíquico. As defesas normais ou inibições surgem assim dentro de uma fase ou entre fases afim de evitar o desprazer que determinada tradução poderia suscitar. Há, porém, um certo caso em que a inibição não é suficiente. Freud irá apontar que se quando um determinado evento, quando era atual, produziu certo desprazer, e ao ser redespertado produz um novo desprazer, a lembrança se comporta como se fosse atual, e não foi possível inibi-la. Freud afirma que isso só poderia ocorrer com eventos sexuais, porque, com o tempo e o desenvolvimento sexual os impactos das excitações por eles causadas aumentam por si mesmos. Por fim, assevera: “O que determina a defesa patológica (recalçamento), portanto, é a natureza sexual do evento e sua ocorrência numa fase anterior” (FREUD, 1896, P. 290).

Aí se encontram quatro fatores elementares do modelo psíquico proposto por Freud neste primeiro momento de sua obra: 1) o princípio de prazer pelo qual o aparelho psíquico trabalha de modo a evitar o desprazer, 2) a temporalidade não linear na realidade psíquica ou dupla temporalidade em função do recalque 3) a existência da sexualidade infantil e a preponderância de suas experiências na organização e funcionamento futuros da sexualidade e da psique, 4) o recalçamento como mecanismo característico e instituinte do funcionamento neurótico.

É da comparação entre perversão e histeria que Freud irá compreender a neurose como negativo da perversão. Da mesma forma, observará na sexualidade infantil a obtenção de prazer sexual a partir das mais diferentes partes do corpo, que funcionariam como zonas erógenas a serem posteriormente abandonadas na adultez, em que geralmente tais zonas deixam de exercer tal papel. Desta forma irá propor na vida do indivíduo uma fase perversa-polimórfica na infância a ser substituída pelo funcionamento neurótico por força da ação do recalque. Não por acaso, histeria e neurose obsessiva são tratadas por Freud como neuroses de defesa. Com isto, assinala que “nessa diferenciação e limitação (da neurose ante a perversão) [estaria pois,] o progresso na cultura e na moral, assim como no desenvolvimento individual” (FREUD, 1896, P. 293). Se antevê aí, mais uma vez, o que será melhor exposto nos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). O desenvolvimento psicosssexual do indivíduo e seus possíveis destinos e distúrbios são, assim, correlatos de seu desenvolvimento, funcionamento e capacidade moral e ética.

No Rascunho K, escrito no mesmo ano que a Carta 52, vemos uma abordagem mais psicológica da questão das zonas erógenas e do caráter perverso da sexualidade infantil, assim como uma discussão sobre as forças recalcadoras e seus efeitos: a vergonha, o nojo e a moral. No texto Freud caracteriza os tipos de neurose de defesa e suas respectivas peculiaridades. Conforme expõe, o que as neuroses têm em comum em sua ocorrência são as mesmas causas precipitantes marcadas por duas precondições essenciais: que seu protótipo afetivo seja de natureza sexual, e que ocorra anteriormente à maturação sexual, ou seja, os fatores de sexualidade e infantilismo. Neste rascunho, a histeria é denominada como uma neurose essencialmente de conflito e a neurose obsessiva essencialmente de autocensura. Pontuada uma base única para as manifestações neuróticas, Freud localiza suas principais diferenças na forma como retornam as idéias recalcadas em cada tipo, na maneira como os sintomas se formam e nos rumos da doença. O fator mais determinante do caráter de um tipo de neurose estaria, porém, na maneira como se realiza o recalque.

Dentre as forças recalcadoras, destacamos o que Freud trata por moral, isto é, os princípios e valores que irão regular os pensamentos, sentimentos e ações do indivíduo, sua forma de estar no mundo e de compreendê-lo, sua forma de se relacionar. Tais princípios, como veremos mais adiante, serão transmitidos ou herdados especialmente de seus pais, dos anseios e exigências vindos destes aos quais o indivíduo se submete afim de ser amado/não perder o amor dos parental. Esta lógica se estenderá para o laço social. Isto dito, elucida-se a

possibilidade de vincular ou reconhecer um vínculo entre as relações de amor e o desenvolvimento ético do sujeito.

É curioso observar, que apesar da primazia dada à sexualidade, a questão afetiva está presente desde o início de suas teorizações. No Rascunho E, por exemplo, ao tratar da origem da angústia, Freud reconhece uma diferenciação entre uma tensão sexual física e uma tensão sexual psíquica, sendo a primeira relacionada à prática do coito propriamente dita, e a última chamada pelo autor de amor e relacionada à realização afetiva, contraposição a partir da qual ele traçará uma distinção entre angústia e melancolia, como se vê no fragmento abaixo:

Com frequência muito especial verifica-se que os melancólicos são *anestésicos*. Não têm necessidade de relação sexual (e não têm a sensação correlata). Mas têm um grande anseio pelo amor em sua forma psíquica – uma tensão sexual psíquica, poder-se-ia dizer. Nos casos em que esta se acumula e permanece insatisfeita, desenvolve-se a melancolia. Aqui, pois, poderíamos ter a contrapartida da neurose de angústia. Onde se acumula tensão sexual física – neurose de angústia. Onde se acumula tensão sexual psíquica – melancolia. (FREUD, 1894, p. 243).

Não apenas aparece aí uma primeira diferenciação ou divisão entre algo diretamente sexual e algo considerado como pertencente ao campo dos afetos (ainda que tomados como representantes psíquicos da excitação sexual), como também o questionamento que será o gatilho para a formulação da noção de pulsão tal como conhecemos, isto é, como intermediária entre o somático e o psíquico. No que diz respeito aos primórdios da noção de pulsão, eles podem ser vistos nos questionamentos que se seguem à distinção feita por Freud, pela qual a angústia seria correlata da impossibilidade de satisfação sexual física, e a melancolia correlata de uma impossibilidade de satisfação afetiva. Freud começa a se questionar como se dá essa relação ou transformação de algo psíquico em somático e vice-versa, (conforme se observa claramente no processo de conversão nos casos de histeria) e qual o problema ou impedimento ocorre nessa transformação, dando lugar ao aparecimento da angústia.

Assim, ainda no Rascunho E, Freud se pergunta a respeito de porquê ocorreria essa transformação em angústia quando há uma acumulação da tensão. Na tentativa de responder a essa pergunta, ele acrescenta ao lado das excitações exógenas, isto é, daquelas cuja fonte se encontra externamente e de que o organismo precisa e pode se livrar por meio de qualquer reação que permita a descarga e conseqüente redução da quantidade de excitação psíquica

proporcionalmente ao estímulo externo, ou das quais o indivíduo pode ainda se esquivar ou proteger-se (obedecendo em ambos os casos, seja descarga ou fuga, ao princípio de constância conforme explicitado anteriormente), os casos em que sua fonte é endógena, de que o organismo não pode fugir, que se apresentam constantemente nele e que determinam o funcionamento psíquico. (Rascunho E, p. 243 em diante). Esta constatação dará, progressivamente, lugar à formulação do conceito de pulsão, que aparece pela primeira vez nos *Três Ensaio sobre Sexualidade* (1905), texto que inaugura uma primeira diferenciação propriamente dita entre o amor e a sexualidade, como veremos mais adiante.

Em relação à diferenciação entre amor e sexualidade, tomamos as palavras de Breuer nas considerações teóricas dos *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895) onde ele faz menção ao apaixonamento ou amor como uma “ideia afetiva” “Essa ideia [a ideia de um indivíduo particular quando ocorre o notável fenômeno do apaixonar-se] absorve toda a quantidade de excitação liberada pela pulsão sexual. Torna-se uma “ideia afetiva””. (BREUER, 1895, p. 229). Ainda que muito marcadas por um teor biológico, em suas palavras, como nas de Freud já se percebe essa diferenciação, na qual, todavia, o amor ainda aparece como consequência da sexualidade, sendo tomado como sua representação afetiva. Nisto se vê a raiz da postulação de duas correntes ou expressões da pulsão, uma sensual e outra afetiva (terna) que serão tratadas nesses termos posteriormente nos escritos freudianos, precisamente em seus três textos de *Contribuições à Psicologia do Amor* (1910-1918). Destacamos essa diferenciação, pois a correlação que propomos encontrar entre amor e ética se torna mais demonstrável e vinculada à noção de uma corrente terna de expressão da pulsão. Não obstante a essa diferenciação, desde esse momento da obra de Freud já se pode reconhecer a importância do amor no processo de constituição psíquica.

O mais importante a se considerar aqui é a novidade da proposta freudiana ao localizar o teor afetivo-sexual como cerne das neuroses a partir dos casos que atendeu, seja de histéricas, neurastênicos ou obsessivos. Com seus pacientes Freud descobriu na etiologia das neuroses as vivências afetivo-sexuais infantis, o desejo incestuoso a elas relacionado e as fixações em certos momentos do desenvolvimento psicosexual como marca dos sintomas, e das escolhas e vivências amorosas na vida adulta, tema que será melhor desenvolvido por ele em seus *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) e nas *Contribuições à Psicologia do Amor* (1910-1918), cujos fundamentos se podem encontrar nos relatos e interpretações dos casos por ele atendidos em seu consultório. Para além da etiologia das neuroses, podemos

afirmar que Freud apontou as questões afetivo-sexuais como marca por excelência do animal humano, como determinantes de sua constituição psíquica e de sua existência como ser de cultura.

Quanto a presença e importância do fator afetivo-sexual, isto é, da questão amorosa nos sintomas neuróticos, vemos, por exemplo, nos relatos das histéricas como pano de fundo sempre uma problemática que envolve o amor. As histórias relatadas pelas pacientes histéricas eram, em sua maioria, histórias de amor, sobretudo de amores proibidos, como o de Elizabeth von R. por seu cunhado, ou o amor não correspondido de Lucy por seu patrão. Seus sintomas estariam relacionados ao conflito ocasionado por esse desejo proibido, cujo caráter proibitivo remete ao desejo Edípico incestuoso, ocasionando o desprazer egóico que, por sua vez, aciona o recalque para afastar essa ideia insuportável da consciência. Freud lerá como sexual o que essas moças sentem, termo mais apropriado às pretensões científicas que ele tinha para sua teoria especialmente neste primeiro momento, mas não ignorará em seus relatos a dimensão afetiva implicada nesses casos. Assim, as teorizações sobre os casos se dão a partir das moções sexuais. No entanto, nos relatos dos casos fala-se de amor, o que aponta certa ambiguidade na proposta freudiana entre uma possibilidade de diferenciação dessas esferas por um lado, e a influência romântica e o esforço de submeter os casos a uma linguagem biológica (a fim de cumprir com os ideais científicos dominantes naquele período) por outro. Deste modo vemos, conforme expõe Lejarraga, que,

A vida amorosa inconsciente das garotas histéricas é a tradução afetiva da vida sexual recalçada. Contudo, como ainda não há uma distinção teórica clara entre afeto sexual e excitação sexual, a vida amorosa torna-se sinônimo da vida sexual. A incapacidade de cumprir uma demanda real de amor é um dos traços característicos da neurose, constituindo os fenômenos patológicos ‘a prática sexual dos doentes’. (LEJARRAGA, 2002, p. 52).

Por fim, o que de mais importante fica deste primeiro momento das teorizações freudianas é: a proposta das defesas, uma primeira aproximação aos mecanismos pelos quais se dão os sintomas e a etiologia sexual das neuroses vinculada à existência de uma sexualidade infantil. É a isso que se dedica este primeiro momento do pensamento freudiano e são estas as bases das proposições psicanalíticas nele desenvolvidas. Ao fim deste período, em 1896, Freud faz uso pela primeira vez do termo “psicanálise” que ficará consagrado como o nome de sua proposta singular e inovadora de compreensão da psique. Em 1899, com a publicação da *Interpretação dos Sonhos*, já se pode dizer que os fundamentos da psicanálise

estavam estabelecidos e em 1905 Freud publica um dos textos primordiais da psicanálise, os *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, sobre o qual trataremos no tópico a seguir.

No que diz respeito ao tema que aqui nos interessa, o amor e suas implicações à ética humana, tomamos com o exemplo das histéricas a base das vivências amorosas e sexuais, suas questões e sintomas, como tributários às primeiras relações estabelecidas na infância com o par parental e que será protótipo para a vida amorosa adulta. Vemos, ainda, como, nas palavras do próprio Freud, o desenvolvimento moral do indivíduo é fruto do direcionamento tomado por essa trama afetiva com os pais. Com o exemplo enunciado no Projeto, vemos o amor como fundante da vida, a relação com o outro primordial como modelo por excelência das relações amorosas na vida adulta, e o amor como pedra angular dos ideais que permeiam, regulam e asseguram a manutenção dos laços humanos, o que nos permite considerar tal evento como gênese e motivo para uma existência humana ética. Tomamos também as questões relativas ao amor como preponderantes na determinação dos casos de angústia e melancolia, assim como das neuroses. Estes pontos cruciais aqui apontados atravessarão toda a teorização freudiana e serão desenvolvidos ao longo de sua obra como poderemos acompanhar no decorrer do presente trabalho. São eles que nos permitem afirmar e reconhecer a importância do amor no processo de constituição psíquica e para o laço social, assim como suas relações com a moral e ética humanas.

2.3 Amor e sexualidade: a sexualidade infantil e as relações primordiais, sua importância e efeitos na constituição psíquica e seu aspecto ético

O texto dos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) é dos escritos mais importantes e revolucionários de Freud que contribuíram para uma nova visão sobre as questões humanas. As proposições que se apresentam nos *Três Ensaios* são de especial destaque para o tema a que se destina o presente trabalho, o amor e seu lugar na vida humana, sua centralidade na fundação do indivíduo e do *socius* e suas consequências éticas, conforme a perspectiva freudiana. Nos ensaios, como veremos, aparecerá pela primeira vez a questão do amor de modo propriamente dito, e neles será estabelecida, com auxílio do conceito de pulsão, uma diferenciação do objeto de amor ante aos demais objetos da libido como um objeto especial. Retomaremos a seguir os pontos que nos parecem mais relevantes nos ensaios

para, em seguida, traçar sua relação com nossa hipótese de leitura do fenômeno amoroso em Freud como base da constituição psíquica e fundamento para toda ética humana.

Freud inicia o texto fazendo menção ao mito aristofânico (presente no *Banquete* de Platão) segundo o qual, seres, outrora completos, agora divididos, buscariam no amor a sua metade perdida para nesse reencontro poderem experimentar novamente a completude. Ele aponta como esse mito permeia a ideia do amor romântico que predomina como ideal no senso comum e em seguida contrapõe a esse modelo de amor aquilo que sua experiência clínica e o desenvolvimento da teoria psicanalítica o levaram a constatar: a multiplicidade e volubilidade dos objetos da pulsão sexual. Mais adiante ele apontará no amor a busca do objeto primordial, com o qual se haveria experimentando, a princípio, uma vivência de satisfação e plenitude e cujo reencontro será para sempre buscado, mas cuja marca fundamental é não ser alcançável, de modo que o sujeito humano está para sempre marcado pela experiência do desejo e da falta, da incompletude. É nessa incompletude que estariam fundamentados e inter-relacionados o amor e a ética, visto que a falta é marca e motivo da relação com o outro, do reconhecimento da alteridade e, portanto, da vida em comum.

A sexualidade humana, como revelará o pai da psicanálise, não é instintiva, não está determinada pelos fins reprodutivos, não se limita à genitalidade nem está reservada apenas à vida adulta. Da mesma forma, os objetos da pulsão, não são pré-definidos, como se supõe, pela natureza ou por alguma ordem divina. Mais do que isso, Freud porá em xeque as fronteiras então definidas entre o “normal” e as “aberrações” no campo da sexualidade, apontando o padrão considerado normal como fruto de limites e convenções construídos e impostos. Ele demonstrará uma origem perversa comum à sexualidade humana, assinalando uma diferenciação muito mais tênue e frágil entre a sexualidade dita normal e uma sexualidade perversa.

Como demonstrará, por meio dos casos que atendeu, a sexualidade neurótica deriva de uma sexualidade infantil perverso-polimórfica, e é, portanto, não o oposto a ela, mas seu negativo, uma formação reativa à essa origem perversa, formação que se dá por força do recalque e como efetivação do complexo de castração. Para espanto de muitos, Freud apontará que existem e persistem, em todo ser humano, desejos, práticas e objetos da libido que se afastam em maior ou menor grau daquilo que se convencionou como norma e que tais fazem parte da vida sexual humana comum, de suas escolhas amorosas, e não apenas dos ditos “perversos” ou “degenerados”. Tais traços e escolhas remetem às vivências sexuais da

infância e à relação com o par parental (ou quem ocupe sua função), dos cuidados deles recebidos cuidados que erotizam o corpo da criança e a introduzem no campo do desejo.

A partir destas novas construções a respeito da sexualidade humana e de suas origens é que o autor irá afirmar a prevalência do fator afetivo-sexual, e especialmente as vivências afetivo-sexuais infantis como determinantes no processo de constituição psíquica e de seus possíveis distúrbios. É também a partir de sua teoria da sexualidade que ele demarcará a radical importância da presença do outro neste processo e seu papel elementar como ponto de partida para a entrada na cultura e para os laços afetivos que o indivíduo desenvolverá ao longo de sua vida. Retomaremos a seguir algumas colocações de Freud ao longo dos ensaios para elucidar como o autor constrói sua teoria da sexualidade e como a partir dela podemos reconhecer as implicações do amor na esfera psíquica e social da vida humana e suas consequências éticas.

O primeiro ensaio irá tomar os “invertidos” (homossexuais) como caso exemplar para a desconstrução do senso comum e do moralismo existentes a respeito da sexualidade e do amor. A questão da homossexualidade perpassa os *Três Ensaio*s, sendo fio condutor da argumentação freudiana acerca das peculiaridades e vicissitudes da sexualidade humana, constitui-se como tema que abre e fecha a obra, e ocupa quase toda a discussão do primeiro ensaio. A atenção e o tratamento que Freud dá ao tema da homossexualidade tem duas funções: retirar a homossexualidade e outras práticas sexuais não normativas da alcova de degeneração e anormalidade, e assinalar, ao mesmo tempo, a presença de muitos traços dessas práticas ditas perversas na vivência sexual comum, como parte integrante da sexualidade humana. Em outras palavras, desfazer a fronteira entre doentes e saudáveis e apontar uma origem sexual perversa, isto é, uma desfusão/independência entre pulsão e objeto, como marca própria e universal ao humano.

Freud apontará, então, a origem desses traços que marcam as escolhas e vivências amorosas e sexuais adultas na sexualidade infantil, defendendo não apenas a existência da sexualidade desde os primórdios da vida humana, mas caracterizando-a, como já dito, como originalmente perverso-polimórfica. A sexualidade do modo como conhecemos na vida adulta e considerada saudável e normal segundo os princípios morais e médicos será, como demonstra o pai da psicanálise, a nível social, fruto do processo civilizatório, isto é, da entrada e submissão à cultura, e terá como correlato a nível psíquico a ação do recalque. Restará, contudo, em todos, em maior ou menor grau, resquícios da perversão inicial. Por efeito da

moral civilizada e da ação do recalque, Freud irá destacar a sublimação como via colateral de satisfação sexual que se dá por meio da alteração de sua finalidade, e apontará este mecanismo como amplamente presente na vida cotidiana e responsável pelos mais grandiosos feitos humanos.

A respeito da escolha de objeto, Freud apontará como marcas a influência da relação com o par parental e a não-naturalidade da heterossexualidade, o que abre a possibilidade de variação na escolha amorosa. A esse respeito, Freud (1905) irá afirmar que a atração dos caracteres sexuais opostos não é o bastante para garantir a não ocorrência da inversão e argumenta que “quando a inversão não é considerada um crime, ver-se-á que ela responde amplamente às inclinações sexuais de um número não pequeno de pessoas” (Freud, p. 217). Nesta e em outras passagens, Freud virá a deixar claro que a orientação heterossexual é tida como normal por simples convenção. Em uma nota de rodapé acrescentada em 1915 aos *Três Ensaios*, Freud assevera:

A pesquisa psicanalítica se opõe com o máximo de decisão que se destaquem os homossexuais, colocando-os em um grupo à parte do resto da humanidade, como possuidores de características especiais. Estudando as excitações sexuais, além das que se manifestam abertamente, descobriu que todos os seres humanos são capazes de fazer uma escolha de objeto homossexual, e que na realidade o fizeram em seu inconsciente. Realmente, as ligações libidinais com pessoas do mesmo sexo desempenham um papel tão importante como fatores na vida psíquica normal, e mais importante como causa da doença, quanto ligações idênticas com o sexo oposto. Ao contrário, a psicanálise considera que a escolha de um objeto, independentemente de seu sexo – que recai igualmente em objetos femininos e masculinos –, tal como ocorre na infância, nos estágios primitivos da sociedade e nos primeiros períodos da história, é a base original da qual, como consequência da restrição num ou noutro sentido, se desenvolvem tanto os tipos normais como os invertidos. Assim, do ponto de vista da psicanálise, o interesse sexual exclusivo de homens por mulheres também constitui um problema que precisa ser elucidado, pois não é fato evidente em si mesmo, baseado em uma atração, afinal de natureza química. (FREUD, 1905, p. 137).

Freud se utiliza da questão da homossexualidade para demonstrar a proximidade entre perversão e neurose e sua forma de abordar a questão demolirá a barreira normal – patológico, retirará a homossexualidade da alcova de perversão em que estava alocada na literatura médica do século XIX e apontará uma disposição neuropática geral. O pai da psicanálise aponta que não se pode usar o termo homossexual com um sentido moral. Como apontará, nem a homossexualidade nem a heterossexualidade são naturais e inatas, sendo ambas

variações possíveis da pulsão sexual e estando ambas presentes em todos os sujeitos em maior ou menor grau, de modo que o autor defende uma disposição inicial e universal à bissexualidade, cuja orientação para uma dessas variações é uma possibilidade e será determinada por diversos fatores ao longo do desenvolvimento psicosssexual do indivíduo, os quais não é possível precisar de forma universal sendo necessário investigar no caso a caso. Freud irá discutir com mais profundidade em sua obra as vicissitudes em torno da escolha amorosa ao tratar do Complexo de Édipo e suas variações, como veremos mais adiante.

Todos esses questionamentos servem à Freud para demonstrar e ilustrar a independência entre pulsão e objeto, os quais são tomados no senso comum e mesmo pela ciência tradicional como sobredeterminados. Desta forma assinala uma variabilidade muito maior na sexualidade humana do que supõe a norma, e destaca:

[...] não se observam entre os loucos quaisquer perturbações da pulsão sexual diferentes das encontradas entre os sadios [...]. Os loucos apenas exibem tal aberração em grau intensificado, ou então, o que é particularmente significativo, elevado a uma prática exclusiva e substituindo a satisfação sexual normal. Essa curiosíssima relação entre as variações sexuais e a escala que vai da saúde à perturbação mental dá o que pensar. (FREUD, 1905, p. 140 e 141).

É a noção de pulsão que marcará e embasará a perspectiva revolucionária sobre sexualidade que nasce com a psicanálise. A teoria freudiana da sexualidade caracteriza o humano como ser de pulsão e não de instinto. Como irá afirmar, a cultura perverte o instinto (muda a finalidade), de modo que não se pode pensar a sexualidade humana como inata e naturalmente determinada. A sexualidade humana, assim como todos os processos mentais estão sujeitos, portanto, não a um determinismo biológico, mas a um determinismo psíquico sob a égide do inconsciente. Como fica claro nos *Três Ensaio*s (1905), a realidade do inconsciente, é a realidade sexual, realidade esta definida pela singularidade da noção de pulsão. É este o cerne da inovação que o pensamento psicanalítico inaugura. A própria psicanálise nasce da escuta e reconhecimento do padecimento gerado pelo tratamento dado à sexualidade pela moral e pela ciência da época, o que se pode ver de modo exemplar nos casos de histeria que serão o ponto de partida para Freud em sua compreensão do protagonismo das questões amorosas e sexuais na constituição psíquica e no adoecimento psíquico, assim como nas questões sociais, como ficará claro em textos como *Totem e Tabu* (1913), *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921) e *O Mal-Estar na Civilização* (1930).

A proposta freudiana sobre a sexualidade e seu papel central na vida do indivíduo se apresenta nos *Três Ensaio*s a partir dos conceitos de inconsciente e pulsão e é por meio deles que Freud responderá às inúmeras questões colocadas pela sexualidade e suas vicissitudes. O conceito de inconsciente fora instituído especialmente na *Interpretação dos Sonhos* (1900 – 1901) e é nos *Três Ensaio*s (1905) que o conceito de pulsão ganhará lugar igualmente fundamental na teoria psicanalítica. Freud (1905) nomeia de ‘pulsão’ todo estímulo oriundo do corpo orgânico e que atinge/é representado pelo aparelho psíquico, sendo que tal estímulo é movido pelo princípio de prazer, tendendo à satisfação (princípio que será revisto na chamada “segunda tópica”, a partir da noção de pulsão de morte). Este processo de representação diz respeito ao atravessamento da cultura e da característica essencialmente humana que lhe é consequente, o pensar a si mesmo e de dar sentido ao mundo, sentido singular sempre atravessado pelo contexto sócio-histórico em que esteja inserido e que será determinante quanto à maneira que cada indivíduo irá lidar com seus desejos e necessidades, a ponto de gerar alterações em seu funcionamento fisiológico. É por isso que se diz que a cultura perverte o instinto e é também por isso que a psicanálise irá considerar o homem como ser pulsional e não instintivo, sendo pulsão o termo que compreende a inter-relação entre psíquico e somático, a qual é mediada/determinada/atravessada pela cultura.

A pulsão é caracterizada como disposta em quatro elementos: fonte, força/intensidade, objeto e objetivo/alvo. Assim, ao tratar no primeiro ensaio sobre as ditas “aberrações sexuais” estas serão divididas em dois tipos: “desvios quanto ao objeto” e “desvios quanto ao objetivo”. Esta disposição da pulsão revela a quebra da dependência entre pulsão e objeto, este rompimento é ponto crucial da teoria psicanalítica da sexualidade e um dos elementos da desconstrução da barreira entre normal e patológico.

Freud (1905) irá tratar, ainda no primeiro ensaio, dos desvios em relação ao alvo sexual, como visto com a homossexualidade, e segue na quebra da diferenciação entre normal e patológico ao instar na defesa de uma “condição fetichista” inerente a toda e qualquer escolha de objeto. A condição de fetiche, como expõe, é observada pela superestima de outras regiões corporais que não os genitais pela qual há uma substituição das partes diretamente ligadas ao coito por outras como objeto sexual. Vemos ainda em Freud que a escolha do fetiche é influenciada por uma impressão sexual da primeira infância, isto é, pelo que se pode chamar de “supervivência do primeiro amor”. Como já exposto, Freud considera certo grau desse fetichismo como presente no amor normal. A partir dessa perspectiva é possível

compreender que a idealização da pulsão que se vê nas perversões nos permite perceber os desvios da pulsão sexual como ilustrativos da força “onipotente do amor”. Um exemplo disso está no fato de que a supervalorização do objeto sexual, alcança também o âmbito psíquico. Ao atingir o âmbito psíquico, a supervalorização tem por efeito uma espécie de cegueira ou perda da capacidade de julgamento com respeito às supostas perfeições do objeto sexual, como uma obediência semelhante à que se observa no hipnotizado ante ao hipnotizador, daí poder-se falar na “credulidade do amor” que se observa nos apaixonados.

Isto é, o amor seria, assim, a expressão da força da supervalorização psíquica do objeto sexual. A noção de amor até então equivalente exato da sexualidade, passa a corresponder com isto à supervalorização sexual. O objeto amoroso, assim, deixa de ser idêntico ao objeto sexual, para se tornar um objeto sexual supervalorizado. O objeto do amor seria sobrevalorizado exatamente por remeter à relação primordial, relação estabelecida no momento inicial da vida com o outro que cuida, protege, investe, libidiniza e garante não apenas a sobrevivência do indivíduo e sua satisfação pulsional, mas também seu reconhecimento e existência psíquica, seu lugar como ser humano e singular. É neste ponto que encontramos fundamentos para apontar, conforme a proposta singular do presente trabalho, uma confluência entre amor e ética na vida humana a partir do texto freudiano, considerando-se as implicações simbólicas apontadas pelo pai da psicanálise na relação primordial.

Outra diferença entre o objeto do amor e os demais alvos da pulsão no texto freudiano está em que, como já dito, a pulsão sexual independe do objeto, seus objetos não são fixos, se alteram conforme as contingências, tudo o que ela busca é satisfazer-se. A noção de amor, no entanto, implicaria necessariamente um objeto. O objeto amoroso da vida adulta é tributário ao objeto primordial e o próprio amor enquanto relação que inclui necessariamente um outro é fruto do amor recebido desse agente externo em seu ato de reconhecimento do infante e resposta a seu desamparo. Em outras palavras o reconhecimento da alteridade é consequência do amor recebido, o que marca mais uma vez a dimensão ética do amor.

Ao postular o teor perverso polimorfo da sexualidade infantil, portanto, Freud não apenas aponta para a pluralidade das zonas erógenas e modos de obtenção de prazer, mas também o fato de que o prazer e a organização da libido na vida adulta estão ligados à certas fixações nas fases da sexualidade infantil que precedem à uma suposta primazia genital. Estas vivências infantis deixam traços psíquicos, de forma que a trajetória da vida sexual infantil e

suas experiências amorosas serão de grande importância na constituição psíquica do indivíduo, seu funcionamento, seu modo de satisfação e suas escolhas objetais e amorosas na vida adulta. A noção de sexualidade em Freud está necessariamente atrelada à sexualidade infantil e se define por três características principais: ser originária de uma função somática, ser auto-erótica e polimorfo-perversa. Estas características serão importantes para pensar o amor em Freud e suas possíveis repercussões éticas, uma vez que não apenas a vida sexual dos sujeitos será marcada pelas vivências infantis, mas também suas escolhas amorosas e sua forma de amar, sua forma de lidar com o outro e de se colocar no mundo. Cabe ressaltar aqui que nos *Três Ensaio*s predomina a lógica do Princípio do Prazer, segundo o qual a pulsão sexual busca descarregar-se, visando necessariamente o prazer. Neste período Freud dividia as pulsões em dois grupos, as de autoconservação e as sexuais. As primeiras estariam ligadas às necessidades vitais do sujeito para sua sobrevivência e as sexuais que visariam a busca do prazer e evitação do desprazer. Esta leitura freudiana das pulsões será mudada em “Além do Princípio do Prazer” (1921).

Quando se fala de uma origem da sexualidade a partir de uma função somática, nos remetemos à noção de “apoio”, presente no texto freudiano. Nas palavras de Laplanche e Pontalis (2004) o termo designa “a relação primitiva das pulsões sexuais com as pulsões de autoconservação; as pulsões sexuais que só secundariamente se tornam independentes, apoiam-se nas funções vitais que lhes fornecem uma fonte orgânica, uma direção e um objeto”. O exemplo paradigmático da noção de apoio está no sugar o seio materno. A atividade que a princípio visa suprir a necessidade de alimento, passa a ser repetida sem este objetivo, pelo puro prazer oral da sucção, e extrapolará o seio, tomando como objeto o dedo e outros objetos, demonstrando assim seu caráter sexual e a contingencialidade da pulsão.

Freud (1905) demonstra que na ausência do objeto que a satisfaz (o seio), a criança direcionará sua busca de satisfação ao próprio corpo, constituindo assim um modo de obtenção de prazer autoerótico. Assim, é por meio da estimulação de uma determinada zona erógena que se dá a satisfação da pulsão sexual na infância. Tal experiência de satisfação deve ter sido antes vivenciada para que persista a necessidade de repeti-la. Freud irá apontar no terceiro ensaio, *A metamorfose da puberdade*, que, ao sair da latência e entrar na puberdade há uma tendência de se restabelecer, no encontro com o objeto, uma relação originária, ocorrendo uma reedição do autoerotismo infantil. Neste sentido, Freud articula a experiência da amamentação com a relação amorosa, considerando que na primeira satisfação sexual,

ainda apoiada na nutrição, o seio materno era o objeto da pulsão, ou seja, seu objeto era externo ao corpo da criança, apenas posteriormente adquirindo o caráter/movimento autoerótico. Com isto, “Freud enfatiza uma relação originária com a mãe, prévia ao surgimento da sexualidade autoerótica. Ou seja, a relação com o outro não seria um momento posterior a um período autoerótico não-objetal, mas, o inverso, uma condição do desenvolvimento posterior, isto é, para o surgimento do eu e do sujeito como ser desejante.

A situação de desamparo da criança nesse momento inicial da vida e sua condição de plena dependência de um outro que a cuide para garantir sua sobrevivência será de grande importância para se pensar como se estabelece a nossa relação com o outro e a dívida simbólica que daí decorre, a dimensão ética que, nesta perspectiva, se atrela ao amor, fato crucial à leitura sobre o amor que aqui propomos. Muito anteriormente em sua obra, Freud (1895) já faz uma afirmação contumaz a esse respeito, como já citado neste trabalho, dizendo que “o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais”. (p. 379)

Esta compreensão aponta para a relação entre a condição primordial de desamparo e a abertura à relação com o outro, a dívida simbólica como sustentáculo da vida em comum, da ética das relações humanas (na perspectiva de leitura que propomos aqui), cuja base pode ser compreendida como uma dívida de amor. Conforme expõe Moreira (2002), Freud aponta no Projeto (1895) que “a mediação do outro-pessoa adia a descarga pulsional, transformando a busca pela inércia neurônica em prazer e erotismo, tornando viável a existência humana” e que, dessa forma, “coloca-se na pauta a discussão sobre a dívida simbólica como constitutiva do sujeito. Sem o outro, não existiria o eu, pois a energia tomaria a direção da descarga mortífera” (MOREIRA, 2002, p.59). Ou seja, o cuidado recebido pela criança não apenas garante sua sobrevivência pela provisão do alimento e cuidados necessários, mas por livra-la do prazer alucinatório que culminaria em sua morte, atraindo sua busca de satisfação ao direcionamento aos objetos externos, retirando-a de sua prisão narcísica e abrindo a possibilidade de relação com o outro, de uma existência propriamente humana.

Podemos concluir, em suma, que o desamparo inicial e a resposta do outro a esse desamparo em forma de cuidado será, portanto, não apenas a matriz de toda moral humana, mas, também do amor. O amor é aquilo que viabiliza a vida, já que o cuidado recebido é um ato de amor. O amor passa, assim, a ser também, em contrapartida, expressão do reconhecimento da alteridade, isto é, expressão de nossa necessidade do outro e de nossa

gratidão a ele. Essa necessidade, para muito além do desamparo primordial, pode ser apontada como parte da condição humana, condição de incompletude de que este desamparo é símbolo, e que atravessa toda nossa existência, dá lugar ao desejo e à dimensão ética da vida humana.

É desse encontro com o outro que responde ao desamparo que se desenhará, pouco a pouco a noção de fora e dentro, de eu e outro, assim como se constituirá o lugar desse outro como objeto de investimento. Amamos porque fomos amados e existimos porque fomos reconhecidos e investidos por um outro, da mesma forma reconhecemos conforme fomos reconhecidos. É por isso que se diz que junto com o leite o bebê recebe libido. O corpo do bebê recebe, nos cuidados e carícias, toda sorte de estímulos que constituem sobre o corpo natural um corpo erógeno e o inscrevem na sexualidade. Assim, mais do que alimentados, somos libidinizados e isto perverte nossos instintos, transforma nosso corpo biológico em um corpo pulsional. É assim que entramos na cultura e ganhamos um lugar no mundo, isto é fruto da atenção e cuidados a nós dispensados, do amor direcionado a nós. Devemos atentar para o fato de que esta primeira relação será motivo e modelo para as demais relações a serem estabelecidas pelo sujeito em sua vida. Na figura da mãe (cuidador) se concentram diversos aspectos do desenvolvimento libidinal, abrangendo a satisfação nutritiva e a sexual, o prazer autoerótico e a relação com o outro, a parcialidade da pulsão e a representação global de si e do outro, a relação de amor e o reencontro do objeto, o desejo e a lei.

O vínculo amoroso não seria, portanto, tão dependente da satisfação da pulsão oral, mas estaria especialmente ligado ao cuidado e proteção recebidos pela criança. São esses cuidados que permitem a constituição de si e o reconhecimento do outro como diferenciado de si e como sujeito, isto é, dão condições para que este ocupe o lugar de objeto de amor e não apenas de objeto parcial da pulsão. Em outras palavras, pensar a experiência da amamentação como paradigma do amor e ponto de partida para a relação com o outro, como Freud (1905) propõe no terceiro ensaio ao afirmar que o encontro com o objeto na puberdade se constitui numa reedição da relação originária, nos exige compreender o sugar o seio materno não apenas para além da satisfação da necessidade biológica, mas também para além do prazer sexual oral.

É preciso considerar que no que diz respeito à mãe, seu cuidado para com a criança, é um ato de amor, uma doação amorosa. Além do leite que nutre, e do seio que oferece o prazer da sucção, por meio de seu cuidado, proteção e acolhimento, a mãe fornece ao infante reconhecimento e identidade, um nome e um lugar no mundo. No que diz respeito ao bebê, é

preciso considerar que em sua primeira satisfação sexual, ainda ligada à nutrição, o objeto da pulsão, o seio, estava fora do corpo próprio e a pulsão só vem a tornar-se auto-erótica depois. Ou seja, a relação com o outro é prévia ao estabelecimento do autoerotismo e condição para seu aparecimento posterior. É essa relação com o outro anterior ao estabelecimento do autoerotismo que será reestabelecida no encontro com o objeto de amor após o fim da latência com a entrada da puberdade, sendo marca da saída da vida infantil para a vida adulta, ou seja, essa passagem é marcada pela transição ou reestabelecimento de uma sexualidade que inclui o outro, em que a relação com o outro ocupa lugar central em detrimento do autoerotismo que predominava na sexualidade infantil. Ademais, como sublinhado, a condição de desamparo e consequente necessidade da ação de um outro, inclui para além da necessidade de suprimento para o corpo físico e da demanda pulsional, a dimensão da constituição da subjetividade, a possibilidade de uma existência propriamente humana.

O ser humano não nasce apenas desprovido de condições de sobrevivência e de uma percepção integrada de seu corpo, ele nasce desprovido de um eu, de uma consciência de si, de uma identidade e da capacidade reflexiva, marca diferencial do animal humano ante aos demais. Nestes dois aspectos aqui destacados, de que a experiência da amamentação que é tomada por Freud como paradigmática para toda relação de amor diz respeito a um momento em que a pulsão estava direcionada ao outro como objeto externo e de que no encontro com esse outro, no amor recebido em forma de cuidado e proteção, é que o indivíduo tem a possibilidade, não apenas de sobrevivência, mas de uma existência propriamente humana, é que se encontra o fundamento de nossa defesa de uma dimensão ética do amor na concepção freudiana, visto que tais fatores afirmam como marca própria e diferencial do amor a relação com o outro e um outro tomado como pessoa, reconhecido em seu status de sujeito e em seu caráter alteritário.

A criança irá se reconhecer primeiro no olhar do outro para então poder reconhecer a si própria, e é pelas mãos do outro que se desenharão as bordas de seu corpo. Seguindo neste pensamento, isso implica, ao mesmo tempo, a passagem do registro da parcialidade da pulsão sexual para a totalidade, a unificação das pulsões como fruto da relação amorosa primordial, e como pré-requisito ao estabelecimento de uma relação de amor na vida adulta, pois o amor pressupõe o reconhecimento da alteridade e este reconhecimento depende da organização da vida pulsional. É este aspecto que Freud quis destacar ao falar de uma primazia genital, e é nisto que se encontra o aspecto moral e ético desta primazia, em seu caráter simbólico, uma

vez entendida como símbolo dessa integração pulsional que permite o reconhecimento de si e do outro.

Quando se fala em totalidade ou representação global de si e do outro como requisito na construção de uma relação amorosa aqui, não se está falando de uma possibilidade de completude nessa relação, pelo contrário, não se trata de uma fusão que anularia a diferenciação eu-outro, mas compreende-se como conceito de amor uma relação em que o outro é tomado como pessoa, em que sua existência singular é reconhecida e resguardada. Ao invés de se tomar uma parte específica desse outro como objeto de uma satisfação puramente pulsional reduzindo o outro à mesmidade como ocorre no autoerotismo em que os objetos de satisfação, ainda que externos, são tomados como parte do eu, o eu tomado como ideal e objeto de amor, e a dimensão alteritária do outro fica apagada e reduzida àquilo que pode ameaçar a integridade e suposta plenitude homeostática desse eu ilimitado, não reconhecida a dimensão de sujeito desse outro, o qual é, portanto, compreendido de forma utilitária e usado pelo indivíduo a seu bel prazer, reduzido a objeto para sua satisfação e passível de descarte e mesmo destruição conforme deixe de promover prazer.

Já expusemos que é o cuidado amoroso do outro que permite que o indivíduo humano se constitua como sujeito, como ser de cultura provido de uma identidade e da capacidade de pensar a si mesmo. Freud afirmará, nessa mesma direção, que o amor teria por peculiaridade ser uma expressão da libido que inclui uma relação de egos, conforme se pode ler em *Instintos e suas Vicissitudes* (1915), do qual trataremos mais adiante. Essas colocações de Freud acerca do desenvolvimento da vida pulsional e acerca da peculiaridade da relação com o objeto de amor nos permitem vislumbrar mais um argumento a favor de nossa proposta de assinalar possíveis relações entre amor e ética no texto freudiano, uma vez que indica como característica do amor o reconhecimento da alteridade, isto é, do outro em seu status de sujeito. Assim, para que se possa considerar o sugar o seio materno como paradigma do amor, conforme Freud alude ao tratar do encontro com o objeto na puberdade, (isto é, objeto de amor, um outro em seu status de sujeito), o seio materno precisa ser considerado para além de um objeto parcial da satisfação da pulsão sexual. Afinal, como vimos, a pulsão sexual é sem objeto, mas o amor pressupõe exatamente a escolha de um objeto e a idealização deste. Falar em idealização é falar no investimento de uma cota de libido narcísica, ou seja, inclui um movimento identificatório, e a identificação será, como ficará explícito ao longo deste trabalho, não apenas a primeira forma de relação com o outro e ponto de partida para a

formação do eu, mas também o fundamento da dimensão ética da psique sob a regência do superego cujas raízes remetem precisamente à primeira identificação na relação primordial, o que nos permite apontar uma raiz comum ao amor e à ética na vida humana. Estes pontos serão melhor explorados mais adiante neste trabalho.

Poderíamos dizer que o amor ultrapassa a dimensão da pura sexualidade, ainda que partindo dela. Em outras palavras, apontamos para a faceta sublime ou terna da pulsão que está presente no amor (termo que Freud irá usar pela primeira vez nos Três Ensaios e retomará em suas Contribuições à Psicologia do Amor, de 1912, ao designar e diferenciar duas correntes afetivas encontradas na relação com os objetos de amor, em suas palavras, uma corrente terna e uma corrente sensual e o lugar de cada uma nas relações). Poderíamos considerar ainda algo da ordem da identificação como marca presente na relação com o objeto de amor. Esta ideia se reforça pela afirmação de Freud em Psicologia de Grupos e Análise do Ego (1921 ver pág) de que a primeira forma de laço humano é a identificação. Num primeiro momento o menino ou menina se identifica com a mãe. É preciso que o menino se identifique ao pai e passe a tomar a mãe como objeto para que se configure o triângulo conforme o modelo do Édipo masculino positivo. Assim, a relação primordial é modelo não apenas para a escolha amorosa, mas para as relações humanas de forma geral, para o amor em sua vertente fraterna como na erótica. Voltaremos a esse ponto mais adiante.

Nesta trajetória da sexualidade, desde os primórdios da vida até a fase adulta, a libido se desloca de uma posição autoerótica para um direcionamento voltado aos objetos fora do sujeito, ao mundo, à cultura, ao outro. E esta é a questão fundamental que se coloca para a vida psíquica e social. Talvez seja esta a grande questão ética colocada para a psicanálise, e acreditamos, como já colocado, que talvez por isso Freud tenha sustentado certa defesa da primazia genital, (ainda que considerando a sexualidade para muito além da genitalidade e da reprodução), por tomar o estabelecimento da primazia genital e a sexualidade a serviço da reprodução como símbolos da efetivação desse movimento de abertura à alteridade. Esta relação entre o aspecto fisiológico e o psíquico tem clara influência da perspectiva biologicista em que Freud teve sua formação, ainda que a ultrapassando cada vez mais ao longo de sua obra. O que se destaca aqui, no entanto, e que nos é caro para os objetivos do presente trabalho, é a questão do amor implicada nessa transição da libido de um autoerotismo para um voltar-se aos objetos, movimento que coincide com uma unificação das pulsões, uma integração do eu que assim pode ser reconhecido em sua totalidade e tem por consequência o

reconhecimento do outro, sua representação global nos termos de Freud, e não apenas como objeto parcial, o que nos aponta mais uma vez para uma dimensão ou consequência ética do amor.

Freud distingue uma sexualidade ligada às zonas erógenas de uma sexualidade que envolva o outro num status de objeto sexual e afirma a presença de ambas na infância, destacando que “a vida sexual infantil, apesar da dominação preponderante das zonas erógenas, exhibe componentes que desde o início envolvem outras pessoas como objetos sexuais” (FREUD, 1905, p. 180). É nos *Três Ensaio*s que aparece pela primeira vez a menção a uma corrente terna da vida sexual, a qual apareceria no período de latência por efeito do recalque, permanecendo como resíduo da sexualidade infantil, de modo que o que se esperaria como normalidade da vida sexual seria uma coexistência entre essa corrente terna e a corrente sexual, o que será colocado de forma mais direta por Freud em seus textos de *Contribuições à psicologia do amor* (1910).

O que se coloca aqui é que a experiência da amamentação permite que a criança venha a constituir-se como um eu unificado e delimitado e tome também o outro como um eu igualmente delimitado e diferenciado, condição necessária ao amor. Assim, por um lado é o amor recebido que permite ao sujeito constituir-se numa totalidade, uma unidade, por outro, o amor pressupõe, como colocado por Freud nos *Três ensaios*, a representação global da pessoa amada, para isso, o sujeito que ama, precisa ele próprio constituir uma unidade, ter uma representação global de si, de modo que o reconhecimento de si e do outro são interdependentes. São estas as condições para que se possa falar em amor, para diferenciá-lo da sexualidade pura e simples no que diz respeito à relação com o objeto e para reconhecer seu papel na constituição da psique e do laço social, o que nos permite ler no texto freudiano uma inter-relação entre amor e ética.

Freud (1908) acentua que de nada é mais difícil abdicar quanto de um prazer que já se experimentou. Essa experiência fica retida nos traços mnêmicos e a essa satisfação nunca se renuncia, apenas se a substitui. Assim, seria possível dizer quanto às relações que estabelecemos, que, de uma perspectiva freudiana, o objeto a ser reencontrado não é o objeto perdido, mas o seu substituto por deslocamento. Se apresenta aí uma das possibilidades de leitura do fenômeno amoroso em Freud, o amor como busca desse objeto/experiência perdido e irrecuperável, ou a busca de traços desse objeto perdido como marca da escolha do objeto de amor. Essa questão será melhor trabalhada por Freud em “Contribuições à psicologia do

amor” (1912) em que o autor apontará os caminhos e barreiras que a relação primordial e a vivência edipiana impõem para as futuras escolhas e relações amorosas do sujeito. As características do objeto primordial serão ao mesmo tempo modelo e impasse para a escolha objetual futura.

O que está dessa forma colocado é o inescapável sentimento de perda que o sujeito está fadado a vivenciar, uma espécie de vazio ou nostalgia do objeto perdido, em outras palavras, a incompletude. É a este objeto perdido, a um reencontro com ele, que o homem busca em seus objetos. De modo que o objeto investido libidinalmente sempre se referirá a essa primeira experiência, que o sujeito acredita ter vivido, em que não havia estranheza, perda ou diferença, mas uma suposta completude. Observamos que, no entanto, a insatisfação do desejo é o destino do homem na cultura, pois visa o objeto perdido, mas só pode encontrar os objetos parciais da pulsão. Ou, poderíamos dizer, visa ao objeto primordial, mas só pode encontrar alguém que a ele se assemelhe. Qualquer satisfação, é, deste modo, considerada parcial limitada pelas imposições da vida em sociedade, discussão a que Freud dedicará toda uma obra, *O Mal-estar na Civilização* (1930). Se a presença do outro e seu reconhecimento são por um lado vitais ao sujeito e determinantes para sua existência, por outro lado limitam seu narcisismo, suplantando a onipotência narcísica vivenciada na relação com o objeto primordial e que se busca reeditar na escolha amorosa adulta, mas que nela não se pode concretizar. É este o preço a pagar para desfrutar de uma existência propriamente humana. Também nisso se vê uma dimensão ética colocada pelo amor, a perda de parte do narcisismo em favor do laço com o outro. Sabemos bem o resultado psíquico de uma incapacidade de fazer essa transposição, situação em que se encontram as psicoses, não por acaso denominadas por Freud, a princípio, como neuroses narcísicas.

Observa-se nisso um desafio ao amor, que só poderá ser vivenciado admitindo-se a impossibilidade de uma satisfação completa e de uma completude em si mesmo. Isto é, ainda que se busque no objeto de amor um reencontro com esse primeiro objeto perdido, é preciso admitir a impossibilidade de encontrá-lo plenamente neste novo objeto, compreender que o objeto portará do originário no máximo algum traço, e que apenas abrindo-se mão do primeiro é que se poderá construir uma relação com o segundo. Em outras palavras, é necessário abrir mão da fantasia de completude, abrir mão da onipotência narcísica, para reconhecer a falta e com ela o outro, para, assim, poder com ele estabelecer um amor possível. Encontramos aqui o que já havíamos dito, o amor está ligado tanto ao desejo, como explicitado acima, quanto á

lei, o que ficará mais claro com a afirmação de Freud em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921) de que a primeira forma de relação que estabelecemos é a identificação e que é dessa primeira identificação que partirá a formação do superego, mais especificamente do que será o ideal de eu, fruto da transformação do eu ideal na passagem da predominância de uma organização libidinal autoerótica para uma prevalência da relação com os objetos, sendo o ideal de eu responsável pelas aspirações e princípios éticos que nortearão as ações do indivíduo e sua relação com o outro. Este texto e essa questão serão melhor desenvolvidos mais adiante no presente trabalho e contribuem para o nosso esforço em apontar a importância do amor na constituição da psique, do *socius* e assinalar nestes processos sua dimensão ética.

A partir do exposto neste tópico, vê-se, em suma, que nos *Três Ensaios* Freud segue tratando com pouca distinção sexualidade e amor, fazendo, inclusive, o uso do termo “moções amorosas sexuais”, que revela um certo grau de fusão entre as duas coisas em seu pensamento. Porém, como apresentado, diversas ideias que serão fundamentais no que se pode chamar de uma teoria do amor a ser desenvolvida em sua obra já se afiguram nesse texto, como a supervalorização do objeto, a tendência a estabelecer novamente uma relação com o objeto originário e a noção de uma relação de ternura com o outro como expressão sexual inibida em sua finalidade. O que fica marcado aqui, nas palavras de Freud (1907) é que “muito antes da puberdade a criança já é capaz da maior parte das manifestações psíquicas do amor” (p. 125), o que demonstra que o autor não restringe o fenômeno amoroso à vida adulta, mas, ao contrário, considera sua importância e participação na própria constituição da sexualidade e na constituição psíquica. O texto nos dá, ademais, elementos para se considerar e localizar pontos de intercessão e codependência entre amor e ética nos processos de constituição psíquica e social, como procuramos ressaltar neste trabalho.

É importante pontuar que, ao extrapolar a sexualidade para além dos limites da genitalidade e da reprodução, tomando-as como secundárias, e apontá-la em sua função corporal e psíquica de forma mais abrangente, tomando como foco a obtenção de prazer e o laço com o outro, Freud rompe com a leitura científica e moral de seu tempo, causando escândalo aos grupos mais conservadores e abrindo para humanidade, e especialmente para a sociedade reprimida e repressiva de seu tempo, novos horizontes de elaboração e vivência das questões sexuais humanas de forma mais livre e esclarecida. Como se sabe, muitos movimentos, estudos e mudanças sociais posteriores quanto aos pensamentos e práticas

sexuais e de gênero devem sua origem e espaço aos questionamentos levantados pela psicanálise, o que revela o valor e atualidade desta obra.

3 NARCISISMO, AMOR e ÓDIO: FATORES DETERMINANTES NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA E NA ÉTICA HUMANA

O termo narcisismo faz clara alusão ao mito de Narciso e diz respeito, por conseguinte, ao amor pela própria imagem. No texto freudiano a noção de narcisismo aparecerá pela primeira vez na discussão sobre a escolha de objeto homossexual (que partiria de uma identificação narcísica), em seguida nas problematizações sobre as psicoses que são intituladas como neuroses narcísicas (em oposição às neuroses de transferência) já que nelas o desenvolvimento psicosssexual do indivíduo parece regredir e permanecer numa fase anterior ao pleno estabelecimento das relações objetais. O termo narcisismo é usado ainda para nomear uma primeira vivência unificada das pulsões. É em *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914), no entanto, que a noção será melhor desenvolvida e ganhará maior importância na teoria psicanalítica. É também a partir da discussão feita no texto de 1914 que poderemos aprofundar nossos argumentos a favor de uma leitura do amor como fator crucial na constituição psíquica e na constituição do social e destacar importantes elementos para uma inter-relação amor-ética que propomos sublinhar nas elaborações freudianas.

3.1 O Narcisismo, a formação do eu e a escolha do objeto de amor, do fechamento em si à abertura ao outro

Quando se fala em narcisismo, é o eu (ego) que está sob questão, assim é preciso compreender a evolução do conceito de eu ao largo das teorizações freudianas para se problematizar o que o pai da psicanálise quer designar com o termo narcisismo. Retomando mais uma vez a experiência originária de satisfação no *Projeto* (1895), vemos que o eu surge para inibir no aparelho psíquico a satisfação alucinatória. Como agente vinculado à realidade reconhecera a impossibilidade de satisfação concreta das necessidades biológicas pela simples reativação do traço mnêmico (que ocorre na alucinação), assegurando, deste modo, a sobrevivência do infante. A partir dessa lógica, o eu será tomado na primeira tópica como

agente regulador que conflita com a sexualidade por seu teor racional e por seu funcionamento que visa a autoconservação. Essa proposta de um eu completamente livre e descompromissado com a sexualidade, puramente racional e destinado unicamente às pulsões de autoconservação irá começar a cair por terra exatamente em *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914).

No texto de 1914, Freud considera que não se pode falar da existência desde o início da vida psíquica de um eu propriamente dito. Além do auto-erotismo seria preciso a ocorrência de um outro movimento, um movimento de identificação com a imagem do semelhante, identificação essa que será tomada como identificação primordial e a partir da qual seria possível um primeiro esboço do eu e seu investimento libidinal como unidade, como totalidade unificada, investimento que permitirá ao sujeito sair da vivência caótica que marca o auto-erotismo onde as zonas erógenas ainda estão dispersas.

Neste texto especialmente dedicado ao conceito, o termo narcisismo será tomado para designar e diferenciar os caminhos dos investimentos libidinais. Na teoria freudiana libido é o nome dado à energia da pulsão, a qual é pensada quantitativamente, ainda que não seja de fato mensurável. A vivência do narcisismo diz respeito a uma catexia libidinal acumulada originalmente no eu. Freud irá situar a constituição do eu e dos objetos e as relações a serem entre eles estabelecidas a partir da oposição eu-objeto, de modo que a vivência do narcisismo e a escolha de objeto serão por isso pensadas desde um ponto de vista econômico, utilizando-se das noções de equivalência e desequilíbrio energético para caracterizá-las. A noção de uma libido do eu (a ser chamada libido narcísica) é introduzida, assim, por Freud, em *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914) a fim de distinguir duas formas de investimento da libido, tomando como objeto a própria pessoa (libido narcísica) ou ligando-se a um objeto exterior (libido objetal).

Esta nova proposição põe em xeque a primeira teoria pulsional freudiana e sua respectiva concepção de eu. É neste texto que podemos encontrar o germe de sua nova teoria pulsional a ser constituída como tal mais adiante em sua obra. A princípio, como sabemos, a primeira dualidade pulsional postulada por Freud a partir de suas observações clínicas, especialmente influenciado pelas noções de conflito psíquico e de princípio do prazer, está disposta em pulsões sexuais - pulsões do eu (de autoconservação). Dessa forma a libido seria a energia das pulsões sexuais e a energia das pulsões do eu não teria um teor sexual e, portanto, é nomeada de vontade (pois Freud supõe ainda um eu consciente, ativo e autônomo,

o que irá mudar posteriormente em seu pensamento, de forma que ele virá a afirmar que o eu não é senhor de si). Freud ainda mantém essa mesma dualidade pulsional nesse momento (1914), mas a partir da noção de narcisismo passa a reconhecer o eu como possível objeto da pulsão. O eu se torna não apenas objeto da pulsão, mas também seu reservatório, uma vez que é seu primeiro objeto e que dele partirão os investimentos a serem feitos nos objetos exteriores. Essa noção do eu como reservatório da libido também será revista em sua segunda teoria pulsional, a partir da qual se compreende o id como seu reservatório, de modo que a libido alcançaria o eu por meio das identificações.

É salutar ressaltar brevemente aqui que essas mudanças cujos primeiros sinais claros encontramos no texto de 1914 e que abrangem o conceito de eu e a teoria pulsional, (coincidência que aponta a interdependência entre tais fatores na teoria psicanalítica), nos colocam importantes questões éticas, e dão à psicanálise seu caráter transgressor ante aos preceitos científico-filosóficos da modernidade. Há um rompimento paradigmático da noção de homem em função dessa mudança. Se a proposta da presença de uma parte inconsciente na psique humana já era por si bastante perturbadora e revolucionária para os preceitos consciencialistas da época, o entendimento de que não apenas existe um inconsciente mas de que o eu está a ele submetido irá radicalizar a singularidade e subversão que caracterizam a psicanálise ante o pensamento científico tradicional. Veremos um pouco mais sobre isso quando trabalharmos os textos em que essa nova concepção a respeito do eu e da dinâmica libidinal já estão afiguradas.

No início da vida, as pulsões sexuais e as do eu estão fundidas e assim dispõem da mesma cota de libido. Aos poucos, à medida que ocorre uma diferenciação entre o eu e o mundo que o rodeia, se desenhará uma separação e uma antítese entre a libido do ego e a libido objetal, implicando numa disposição energética pela qual quanto mais se faz uso de uma, mais a outra se esvazia. Estas variações no direcionamento da libido são demonstradas na obra de Freud tendo como seus dois extremos a vivência do apaixonamento e a vivência do luto. Na primeira observa-se um superinvestimento no objeto com conseqüente empobrecimento do eu, e na segunda uma retirada da libido dos objetos do mundo exterior e um maior investimento no eu com a finalidade de repará-lo diante de sua perda.

O direcionamento tomado pela libido, à medida que ocorre uma diferenciação entre uma libido egóica (ou narcísica) e uma libido objetal, irá definir o tipo de escolha de objeto a ser realizada pelo indivíduo. Neste processo de separação entre os dois tipos de libido, pode

haver um desequilíbrio com o retorno de certa quantidade da libido objetal para o eu, ou o investimento de parte da libido narcísica (outrora voltada ao eu) nos objetos. Cada um desses direcionamentos terá por consequência uma forma diferente de escolha do objeto amoroso, de modo que temos a escolha narcísica e a escolha anaclítica. Amor e funcionamento psíquico aparecem mais uma vez intimamente relacionados, visto que, por um lado é o processo de diferenciação da libido que definirá o tipo de escolha amorosa, e por outro são as relações estabelecidas com os objetos que definirão a dinâmica da libido, sua cota e direcionamento entre o eu e o mundo externo.

As escolhas de objeto, como apontará Freud (1914), carregam marcas de dois momentos: do momento primário, narcisista, marcado pelo autoerotismo, e da fase objetal em que se dá a separação entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu. Assim, vê-se que o sujeito humano sempre tem dois objetos de amor, ele mesmo e aqueles que o livram de seu desamparo garantindo sua sobrevivência e bem-estar. É a partir dessa díade também que se definirá o tipo de escolha. O modelo para a escolha narcísica será a própria imagem, isto é, ama-se quem se é, quem se foi, quem se gostaria de ser e alguém que foi parte de si. Na escolha anaclítica, o modelo está nas figuras materna e paterna, em suas funções de cuidado e segurança, ou seja, ama-se aquele que cuida, que alimenta, que protege. Ambas as escolhas, contudo, na perspectiva freudiana, estão ancoradas no narcisismo primário, visto que toda abertura para o outro consiste na renúncia de uma parte do narcisismo que é então transferido para o objeto amado, o que explica sua supervalorização.

3.2 O eu e o outro, amor e dívida simbólica

Desde o *Projeto* (1895), como vimos, Freud anuncia a necessidade da intervenção de um agente externo para livrar o indivíduo da morte. Não haveria como o curso do desenvolvimento avançar se o indivíduo em seu estado narcisista inicial não dependesse totalmente da ação de um outro para a satisfação de suas necessidades. Mais do que o mero suprimento das necessidades, os cuidados dispensados são um ato de amor. Dessa forma, o infante não recebe apenas o alimento, mas recebe afeto, é libidinizado e idealizado pelos pais (ou quem o valha). Essa carga de afeto recebido inclui uma quota da libido narcísica dos pais a ser depositada no bebê. É este investimento que irá permitir que se constitua na criança um eu indentitário. O eu só existe na e pela relação com o outro. Vemos aqui mais um ponto de

codependência entre o amor e a constituição psíquica e seu aspecto ético dada a dívida simbólica decorrente do amor recebido em forma de cuidado, sem o qual a vida e uma existência propriamente humana não seriam possíveis.

O eu não existe a princípio, mas nasce do contato com o outro. Para falar disso Freud irá se utilizar das idéias de identificação, eu ideal e ideal de eu. Como já dito é a partir do olhar do outro, de seu toque, de seu investimento afetivo que o indivíduo poderá tomar-se como um todo, seu corpo ganha contornos definidos e ele se reconhece e se constitui como um eu identitário. O outro, ao investir libidinalmente não apenas o corpo do bebê, mas também seu eu, idealiza-o, de modo que o reconhecimento e idealização de si são consequência da ação do outro, do amor que o outro direciona ao infante, sem o qual não poderiam ocorrer. Assim, o eu é construído dessas primeiras relações com o outro e se formará num movimento de identificação à imagem que lhe foi depositada por esse outro. Uma vez investido do narcisismo dos pais, constitui-se o eu ideal.

Falar de narcisismo nos remete não apenas à noção do eu, mas às noções de onipotência e completude, expressão do originário investimento libidinal no eu e fruto do amor dos pais que atribuem a eles todas as perfeições por projetarem neles seu próprio narcisismo transformado em amor objetal. O eu ideal consiste na vivência do narcisismo primário em que ocorrerá um primeiro investimento sexual numa unidade, o investimento recebido dos pais permite que o infante se reconheça como uma unidade e assim possa tomar-se como objeto e investir-se a si mesmo sexualmente. É da capacidade de reconhecer-se que nascerá a possibilidade de passar, por consequência, a reconhecer o outro e tomá-lo como objeto diferenciado de si e igualmente compreendido como sujeito. Isto posto, a satisfação narcísica não pode ser vista como algo da ordem da perversão, mas como parte necessária da vida libidinal e para o desenvolvimento da capacidade de amar, para a qual tal reconhecimento (de si e do outro como pessoa em sua totalidade), como vimos, é um pré-requisito.

Freud demarca que o investimento libidinal que recobre a criança de uma imagem idealizada é um investimento que carrega o narcisismo dos pais, isto é, os pais investem parte da libido de seus eus no filho, de forma a reviver nele a experiência de onipotência uma vez experimentadas em suas próprias vivências primárias. Assim, sobre a criança irá repousar toda sorte de perfeições, aquilo que os pais foram, o que gostariam de ser, o que ainda são, de forma que ela receberá um lugar especial e singular ante as demais, alcançando o lugar de

“majestade”. O narcisismo pode ser entendido, para além do investimento dos pais, enquanto produção da psique do infante, como uma resposta frente ao desamparo e às limitações, dado seu aspecto ilusório de onipotência e plenitude, ilusão que ocorreria como saída diante da condição de dependência e impotência que caracteriza a vida infantil. O narcisismo será assim, ao longo de toda a vida do sujeito, considerando-se que nunca é abandonado por inteiro, uma defesa imaginária e uma afirmação do eu ante ao mundo. Esse caráter protetivo e auto-direcionado do narcisismo terá consequências para o amor e para a esfera ética da vida do sujeito, especialmente considerando-se sua vida em sociedade. Veremos um pouco mais sobre isso ao tratarmos das peculiaridades do amor e do ódio de que Freud nos fala em *Instintos e suas Vicissitudes* (1915) e também quando tratarmos da noção de Eros e seu papel na vida humana conforme colocado por Freud em *O Mal-Estar na Civilização* (1930).

O eu se forma assim dessa imagem que o outro lhe empresta por meio desse investimento amoroso, num processo de identificação da criança a essa pessoa/imagem. Esse outro que permite ao sujeito constituir-se, no entanto, cobra na mesma proporção em que dá. Assim, o indivíduo será a todo tempo comparado e cobrado (por si e pelos outros) quanto sua correspondência aos ideais externos que recaíram sobre si. Desta forma, no processo de seu desenvolvimento, na tentativa de assegurar seu narcisismo, não querendo abrir mão da satisfação e do lugar que desfrutou, percebendo-se não possuidor das perfeições que lhe foram imputadas, erigirá para si um ideal de eu, cuja origem, como assinala Freud (1914) remete à influência crítica de seus pais, demais autoridades presentes em sua vida (professores, etc) e da opinião pública.

O ideal de eu estará, assim, relacionado ao amor próprio e ao amor objetal. Nas palavras de Freud:

O desenvolvimento do ego (eu) consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal. Ao mesmo tempo, o ego emite as catexias objetais libidinais. Torna-se empobrecido em benefício dessas catexias, do mesmo modo que o faz em função do ideal do ego, e se enriquece mais uma vez a partir de suas satisfações no tocante ao objeto, do mesmo modo que o faz, realizando seu ideal. (FREUD, 1914, P. 106).

Freud (1914) irá assinalar ainda que a formação do ideal eleva as exigências do eu e será o fator de maior intensidade a contribuir para a ação do recalque. O recalque age de modo a barrar os impulsos libidinais que conflitam com os princípios éticos e os costumes

culturais aos quais o indivíduo toma como regra para si, submetendo-se a eles. Freud irá apontar como frutos do recalque, o asco e a vergonha. Aqui, ganha força nosso argumento de que o amor está implicado não apenas no processo de constituição psíquica, mas como razão para toda ética individual e coletiva. A servidão aos ideais recebidos pode ser compreendida não apenas como um modo deslocado de satisfação narcísica, narcisismo que é fruto do investimento e idealização dos pais, mas também como abertura ao outro, ao procurar-se fazer amável/desejável por meio desta submissão, e reconhecimento e pagamento da dívida de amor para com o outro sem o qual o indivíduo não existiria, e nisto está sua dimensão ética.

Desta forma, curiosamente, a vivência do narcisismo é fruto da relação com o outro, mas será o narcisismo, ao mesmo tempo, a raiz do amor a si e da defesa dos interesses pessoais, muitas vezes em oposição ao laço com o outro (oposição que será discutida por Freud como grande questão colocada para humanidade em *O Mal-Estar na Civilização* de 1930), e ponto de partida da abertura para a relação com o outro por meio de sua transformação em modelo a seguir para ser aceito e amado pelo outro, na passagem do eu ideal para o ideal do eu. Mais uma vez, vemos que é pelo reconhecimento da incompletude, e da necessidade da relação com o outro para garantir sua existência, que o indivíduo irá abrir mão de um quinhão de seu narcisismo em favor do laço com os objetos/sociedade. A partir dessa compreensão, é possível reconhecer o papel do amor (seja em sua manifestação como identificação ou como relação objetal) em garantir o reconhecimento da alteridade e com ele a possibilidade da vida em comum e a regulação dos laços. Daí a nossa defesa em assegurar ao amor não apenas seu lugar de importância na constituição da psique e do social, mas considerar nele uma faceta ética.

No que diz respeito às relações com os objetos, para além do tipo de escolha, vemos em Freud que o ideal de eu impõe condições estritas à vivência das relações amorosas. Pela ação do ideal de eu diversos objetos são descartados como incompatíveis e o objeto eleito será idealizado. Estas exigências, no caso da escolha amorosa, terão como modelo por excelência, como já explicitado, os objetos da infância. A influência do narcisismo na vivência amorosa se encontra especialmente nisso, na busca por uma relação que proporcione novamente a vivência/ilusão de completude, em que o outro seja esse objeto complementar como o objeto primordial supostamente o foi. Freud aponta, ademais, que o ideal de eu terá grande importância na delimitação dos fenômenos de grupo e afirma que além do aspecto individual, esse ideal tem seu aspecto social; constitui também o ideal comum de uma família, uma classe

ou uma nação, o que reforça nossa necessidade de tratarmos como inseparável a presença do amor na constituição psíquica e na constituição do social, e destacarmos suas consequências éticas.

É preciso assinalar que a passagem do eu ideal para o ideal do eu é um processo longo, pelo qual, pouco a pouco, o eu deixa de tomar-se como medida de todas as coisas e passa a reconhecer suas impotências, incapacidades, sua limitação em relação ao ideal que lhe é colocado como modelo e alvo. Mais do que isso, essa transição marca uma cisão egóica e um lapso entre o eu e o ideal, dá espaço ao reconhecimento das restrições da realidade, o reconhecimento de si como faltante, incompleto, e abre lugar para o desejo, pelo abandono gradual da onipotência narcísica e o investimento no outro em seu status de alteridade e diferença. Essa passagem de uma posição narcisista para uma abertura ao outro será explorada por Freud em *As Pulsões e seus Destinos* (1915), como veremos mais adiante. O complexo de castração, como também veremos, será vivência determinante na efetivação desta transição. A ocorrência dessa transição é que permitirá um pleno reconhecimento de si e do outro e, com isto, uma abertura em direção ao outro. Portanto, tem papel essencial no que diz respeito ao campo do amor, pois criará as condições para sua ocorrência, e no campo da ética, visto que assentará os limites e horizontes que possibilitam a vida em comum.

Vimos assim que a base da constituição egóica, é o narcisismo, do qual o sujeito nunca se desfaz inteiramente. No momento da vivência do narcisismo primário o sujeito toma-se como seu próprio ideal, por força do narcisismo dos pais nele projetado numa relação de identificação, pelo qual são nele localizadas todas as perfeições, de modo que vive a ilusão de onipotência e completude. O eu ideal não reconhece o outro enquanto alteridade e não tolera nenhum tipo de restrição à sua plenitude imaginária o que nos permite falar do ódio como expressão desse narcisismo primário, (hipótese que exploraremos no próximo tópico deste capítulo). Num momento posterior, já marcado pela castração, o sujeito vivenciará seu narcisismo a partir de seu ideal de eu, um narcisismo secundário, que vem a substituir o eu ideal da vivência primária, agora marcado pelas identificações secundárias e investimentos objetivos abandonados. Este ideal do eu, ditará, o modelo ao qual o eu deve seguir para se constituir em objeto de amor, as regras e limitações às quais deve se submeter em favor do convívio com o outro.

Isto posto, temos o seguinte quadro. O narcisismo dos pais é depositado na criança, num ato de amor pelo qual transmitem aquilo que também um dia receberam, possibilitando

ao infante constituir-se como indivíduo. Os ideais projetados sobre ele neste ato de amor serão base para a constituição de sua relação com o mundo, com os outros, de forma que o sujeito buscará aproximar-se deles para fazer-se amável, tributando a essa imagem recebida as características que o tornam reconhecível e bem querido pelo outro. O ideal de eu reúne assim o que o sujeito quer/deve ser e o que supostamente o outro quer dele. Submeter-se a esse ideal é reconhecer a dívida simbólica, uma dívida de amor para com esse outro que o acolheu e cuja relação será protótipo para as vivências amorosas a serem por ele desenvolvidas ao longo de sua vida. O amor é, dessa forma, alicerce da formação do ideal de eu, permitindo, mediando e regulando as relações humanas, pautando sua ética. Veremos as implicações do eu ideal e do ideal de eu no campo das relações sociais no próximo capítulo a partir da leitura de *Psicologia das massas e análise do eu* (1920).

3.3 O lugar do amor e do ódio na economia libidinal e o aspecto ético da organização pulsional

O amor está implicado tanto na formação psíquica quanto na manutenção da integridade e bem-estar psíquicos. Como vimos e voltamos a reiterar, desde o *Projeto* (1895), Freud anuncia a necessidade da intervenção do outro para livrar o indivíduo da morte. Assim, ainda a respeito das vicissitudes econômicas da libido, Freud (1914) afirma, sob a mesma ótica, que o que leva o indivíduo a ir além de seu narcisismo e investir nos objetos estaria em garantir sua sobrevivência e saúde psíquica, e acentua: “Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar”. (FREUD, 1914, P. 92).

Em termos econômicos, conforme proposto por Freud, podemos observar que o retorno da libido para o eu gera um excesso de excitação, o que produz desprazer e ameaça a integridade psíquica. Como se vê nos casos de psicose, é este excesso, que na ausência do outro não pode ser contido, o responsável pela loucura. Sem a ação do outro, sem o atravessamento da alteridade, o eu se despedaça, a unidade pulsional é rompida, o eu torna-se com isto incapaz de reconhecer a si mesmo, de fornecer uma identidade. Mais uma vez está evidenciada a condição de desamparo e a necessidade da presença e do investimento amoroso do outro como fator vital ao indivíduo humano, assim como a codependência entre o

reconhecimento da alteridade e a formação de um eu identitário, diferenciado e singular. Nisto vemos que o reconhecimento da alteridade, mais do que base para toda ética e para o amor, é também determinante para uma existência propriamente humana, para a plena estruturação e amadurecimento da psique, assim como para possibilitar e assegurar os laços sociais.

A questão econômica implicada na dinâmica das pulsões e no direcionamento da libido entre o eu e os objetos será melhor trabalhada por Freud em seu texto seguinte, de 1915, *As pulsões e seus destinos* (Instinto e suas Vicissitudes na versão Standard). Neste texto, Freud descreve mais pormenorizadamente a pulsão, sua organização e funcionamento e coloca o par amor-ódio em questão de modo direto pela primeira vez, par que será base de sua segunda teoria pulsional mais adiante em sua obra. Antes de seguirmos, é preciso fazer a ressalva de que na edição de que dispomos o termo pulsão aparece como instinto e que, para uma compreensão coerente das citações e referências, pede-se ao leitor que leia pulsão onde aparece o termo instinto.

No texto, Freud irá diferenciar o par amor-ódio e suas expressões das demais formas de manifestação da pulsão. Nesta diferenciação define o amor em sua diferença ante a mera satisfação pulsional e o aproxima da sublimação. Em suas palavras:

O caso amor e ódio adquire especial interesse pela circunstância de que se recusa a ajustar-se a nosso esquema dos instintos. É impossível duvidar que exista a mais íntima das relações entre esses dois sentimentos opostos e a vida sexual, mas naturalmente relutamos em pensar no amor como sendo uma espécie de instinto componente específico da sexualidade, da mesma maneira que os outros que vimos examinando. (FREUD, 1915, p. 138).

A partir desse fragmento, podemos observar duas marcas peculiares ao amor: em primeiro lugar uma diferenciação ante às demais expressões da libido, em segundo seu alcance para além das relações que incluem a sexualidade propriamente dita. Essas duas marcas nos permitem apontar a singularidade do amor como expressão da libido que tem um objeto, que acarreta idealizações e que humaniza o homem, posto que o permite constituir-se como sujeito, o tira de seu estado animal e de sua prisão narcísica e o enlaça ao outro em sua dimensão de alteridade. São essas marcas especiais do amor que podemos aferir na leitura de Freud que o tornam fundamental no processo de constituição psíquica, na composição do *socius*, e nos permitem associá-lo à ética.

O pai da psicanálise, ao tratar dos destinos possíveis da pulsão marcará outra peculiaridade própria ao par amor-ódio, como sendo a única expressão de transformação da

pulsão em seu contrário (reversão a seu oposto), sendo os demais destinos possíveis à pulsão, a catexia objetual, o recalçamento, o voltar-se para a própria pessoa (para o ego) e a sublimação. Este texto está estreitamente relacionado ao do *Narcisismo*, pois Freud irá recorrer à noção de narcisismo para melhor desenvolver as especificidades da díade amor-ódio ante às demais formas de expressão da pulsão. Freud desde os Três Ensaio já pontuava que o amor pressupõe a representação global da pessoa amada, como do sujeito que ama, o que fica mais claro a partir do texto do *Narcisismo* em que ele pontua o indivíduo (seu ego) como seu próprio objeto de amor, e que para constituir-se como tal precisa que haja a unificação das pulsões, ainda tão dispersas no autoerotismo, de modo que esse primeiro movimento de unificação que permite o investimento libidinal narcísico é a constituição do eu. O fundamento da diferença entre a vivência amorosa e a parcialidade da pulsão, estaria em que o amor pressupõe a existência de um eu, um ego integrado capaz, igualmente, de reconhecer o outro como diferenciado de si.

Segundo expõe Freud (1915), no início da vida o ego é catexizado pelas pulsões e em parte responsável por satisfazê-las em si mesmo. Assim, a esta condição se denomina narcisismo e a esse modo de satisfação, auto-erotismo. Neste primeiro momento, não há um interesse no mundo externo, o sujeito do ego coincide com o que é aprazível e o mundo externo é indiferente. À medida em que ocorrem, porém, experiências com o mundo externo por meio dos instintos de autoconservação que adquirem objetos deste, e à medida em que há, ao mesmo tempo, estímulos internos desagradáveis, o ego realiza, por força do princípio de prazer, uma manobra de forma que introjeta em si, (toma como seus), os objetos que são fonte de prazer e expete ou projeta fora aquilo que causa desprazer. Cabe aqui dizer que esta ideia é uma contribuição de Ferenczi de que Freud se utiliza. Assim, vemos que os instintos de autopreservação são os responsáveis por trazer o objeto do mundo externo para o interno e Freud observa que há algo do ódio como característica dessa primeira relação entre mundo interno e externo, deste narcisismo primário, ódio a princípio expresso como indiferença para com este mundo externo. Tudo que não é o ego, seja o mundo externo ou os objetos, é, por assim dizer, odiado, pois mesmo que haja algo de prazeroso neles isso é incorporado ao ego, de modo que o que é estranho ao ego é tomado como desprazeroso, ameaçador, portanto odiado. Explicaremos melhor essas ideias a seguir com o auxílio de Ferreira (2004).

Como já apontamos anteriormente, neste primeiro momento da vida, em que a nutrição que garante a sobrevivência pelo suprimento da necessidade orgânica e o prazer da

sucção se encontram ocorre uma fusão entre o que é da ordem da autopreservação e o que é da ordem do sexual. Esta fusão é uma das características próprias do autoerotismo como expressão do narcisismo primário. O autoerotismo será dividido por Freud em dois momentos. Um primeiro em que se constitui um eu rudimentar a que se nomeia “eu da realidade”. É este eu da realidade, submetido ao princípio de prazer que irá determinar o interesse pelo que dá prazer, o desinteresse por aquilo que não dá prazer e o ódio pelo que causa desprazer seja este de fonte externa ou interna, conforme falamos no parágrafo anterior. Esta indiferença pelo mundo externo observada nesta fase é denominada “repúdio primordial do eu narcísico”.

No segundo momento do autoerotismo, este “eu da realidade” se transforma em “eu do prazer purificado”, em que se dá o movimento de introjeção daquilo que é bom e expulsão do que é ruim, de forma que tudo que é agradável é tomado como parte do eu e o que é desagradável como não-eu. Em outros termos, aquilo que era indiferente por não ser prazeroso, passa a constituir o campo dos objetos e é, portanto, odiado. Vemos assim que o momento de inauguração da pulsão, tendo como contexto o narcisismo primário e o autoerotismo acarreta ao amor seu caráter ambivalente. Como vimos em Freud (1915), o ódio é anterior ao amor, disto decorre a constatação da ambivalência como característica própria do amor, posto que em sua origem o ódio já estava constituído. Freud marca uma diferença entre o amor e o ódio em suas respectivas participações no campo pulsional. Conforme demonstra, o ódio teria um maior teor narcísico, estaria mais próximo das pulsões do eu, funcionando como uma espécie de proteção ao ego, que visa garantir sua manutenção, sua sobrevivência. O amor, por sua vez, estaria do lado da abertura ao outro, mais associado às pulsões sexuais, em sua manifestação explícita ou sublimada. Nos termos do pai da psicanálise: “a palavra amar desloca-se cada vez mais para a esfera da pura relação de prazer entre o ego e o objeto, e finalmente se fixa a objetos sexuais no sentido mais estrito e àqueles que satisfazem as necessidades dos instintos sexuais sublimados” (FREUD, 1915, p. 142).

Seguindo com Freud (1915), vemos que,

Quando a fase puramente narcisista cede lugar à fase objetal, o prazer e o desprazer significam relações entre o ego e o objeto. Se o objeto se torna uma fonte de sensações agradáveis, estabelece-se uma ânsia (urge) motora que procura trazer o objeto para mais perto do ego e incorporá-lo ao ego. Falamos da atração exercida pelo objeto proporcionador de prazer e dizemos que amamos esse objeto. (FREUD, 1915, p.141).

Podemos pensar, a partir do exposto, que a des-fusão ou separação gradual dos dois diferentes tipos de pulsão, isto é, pulsões do eu (autoconservação) e pulsões sexuais, é um processo concomitante e necessário à, também gradual, abertura para o outro, isto é para a fase objetal. Nesta direção, Freud irá afirmar que, no que é da ordem do amor e do ódio não se incluem as relações entre os instintos e seus objetos, mas trata-se de relações entre o ego em sua totalidade e os objetos, poderíamos dizer, os objetos também em sua totalidade.

As colocações de Freud a respeito do amor e do ódio e suas relações com o narcisismo, nos permitem pensar que a capacidade de amar está relacionada ao desenvolvimento da instância ética do indivíduo que se dá na passagem de um narcisismo primário a um narcisismo secundário, isto é, na transição de um eu ideal para o ideal do eu, transição que retiraria o indivíduo de um funcionamento que reduza tudo o que é aprazível à si, à mesmidade e onde o que é não-eu é tomado como ameaça e odiado, portanto passível de rejeição e agressão, para um funcionamento onde há reconhecimento do caráter alteritário do outro e abertura para a diferença e a possibilidade do amor. Essa perspectiva aproxima, o amor do reconhecimento da alteridade, ao contrário do ideal de completude que reduz o outro a uma parte faltante de mim (como no mito de Aristófanes no *Banquete* de Platão), e nos permite, assim, assinalar, conforme a proposta deste trabalho, uma intercessão entre amor e ética nos escritos freudianos.

Por fim, o que de mais importante nos é apresentado por Freud acerca do narcisismo e das relações objetais pode ser resumido da seguinte forma: A presença e interferência do outro é que irão permitir por meio da oferta de possibilidades de satisfação que a pulsão se coloque em movimento, se articule com o campo do outro, tomando-o como objeto, tornando o indivíduo capaz de representar a si e reconhecer o outro. O investimento amoroso do outro e seu atravessamento no campo pulsional do infante pela sedução/libidinização determinam a transição do funcionamento biológico e instintivo para o psíquico e pulsional e é crucial para a produção do campo do amor e do campo da ética na vida humana.

Como temos visto ao longo do presente trabalho até aqui, o amor se apoia a princípio, como o próprio desenvolvimento das pulsões e do ego, na satisfação das necessidades vitais. Em seguida, no processo de aculturação, isto é, no contato com o outro, ultrapassa a ordem da necessidade e dos instintos, perverte-se e ganha seu lugar no campo do desejo. Em seus ensaios agrupados sob o nome de *Contribuições à psicologia do amor* (1912), Freud discutirá algumas condições que determinam a escolha do objeto amoroso e as possibilidades ou não de

realização desse amor. A questão edipiana ganhará centralidade na determinação das condições que delimitam a escolha amorosa e as vivências afetivo-sexuais, assim como do funcionamento da vida psíquica, do pacto social e dos limites éticos que o delimitam.

Em suas *Contribuições à psicologia do amor* (1912), Freud irá falar da sexualidade como dividida em duas correntes, uma corrente terna e uma sexual. Ele irá relacionar a corrente terna com a pulsão de autoconservação e, portanto a considerará como corrente mais antiga, cujas origens remontam ao início da vida e que se direciona às pessoas que se dedicam a cuidar da criança. O fundamento do amor estaria assim no desamparo, na satisfação das necessidades primárias, ganhando posteriormente o aporte das pulsões sexuais às quais, se mistura. Seria assim possível afirmar que o amor se trata de uma relação entre egos, entre sujeitos, pois em sua origem está o primeiro encontro com o outro, encontro anterior à própria fundação da sexualidade, e que permitirá posteriormente a constituição do ego e com ele das relações objetais. Em outras palavras, poderíamos propor uma primazia do amor ante à sexualidade na vida do sujeito, de modo que a erotização lhe seria tributária. O amor estaria, deste modo, mais relacionado à dívida simbólica que decorre de haver sido salvo do desamparo, que à busca de satisfação pulsional. Essa leitura nos direciona novamente para uma inter-relação entre a dimensão afetiva e a dimensão ética na vida humana.

A partir do exposto até aqui, é possível afirmar que é o amor que permitirá que o sujeito constitua-se como tal, que a dispersão das pulsões dê lugar a um ego delimitado, a partir do qual o indivíduo possa se relacionar com o mundo. Assim, curiosamente, ainda que fundamentado no narcisismo, o amor é o que permite o sujeito sair de sua prisão narcísica, constituir-se enquanto sujeito humano, participar do mundo e construir relações. Freud nos aponta para isso em diversos momentos de sua obra vistos até aqui. Ao assinalar a impossibilidade de uma satisfação completa como característica da pulsão sexual, por exemplo, compreendemos que ele aponta para a incompletude como fundante do humano, para sua condição inexorável de desamparo, que não se limita à sua condição inicial, mas o acompanha como marca indelével, e permite, pelo reconhecimento da impossibilidade de autossuficiência e conseqüente reconhecimento da alteridade e dívida para com ela, a abertura para o amor e para uma existência ética.

4 ÉDIPO E IDENTIFICAÇÃO, AS MANIFESTAÇÕES DE EROS COMO FUNDAMENTO DO HUMANO E DA CULTURA

4.1 As implicações das vivências do complexo de Édipo na constituição do eu e do *socius*: a ética como mediadora entre o desejo e a lei

Os textos trabalhados até aqui dão maior ênfase às vivências pré-edípicas, onde predomina o auto-erotismo, ainda que já apontando para as questões relativas às relações objetais e suas consequências posteriores. É, porém a vivência edípica que definirá e estruturará este tipo de relação. É na experiência do complexo de Édipo que haverá uma primeira definição da escolha do objeto de amor com base nas relações estabelecidas com o par parental (ou quem o valha), e será em sua revivescência na puberdade que a escolha se tornará efetiva (podendo manter-se conforme a primeira definição ou redefinir-se). Tal escolha é direcionada conforme a ocorrência das identificações e investimentos objetais inerentes ao complexo e à respectiva interdição ao incesto que as delimita. É também pelo complexo de Édipo que a sexualidade ganha uma primeira organização genital que caracteriza a fase fálica na qual ocorre. Ademais, o complexo de Édipo demarcará a constituição de cada uma das instâncias psíquicas e de modo especial às instâncias definidoras da moralidade do indivíduo, o ideal de ego e o superego, determinadas pela angústia de castração que marca o declínio do complexo de Édipo nos meninos e sua abertura nas meninas, conforme propõe Freud. No complexo de Édipo temos, portanto, e não por acaso, de modo concomitante, a definição das escolhas amorosas e o surgimento das instâncias que delimitam a ética do sujeito, o que evidencia, como temos marcado, uma raiz comum ao amor e à ética.

Ao longo de toda sua obra Freud faz diversas menções à questão edípica, algumas vezes de forma indireta, e outras de forma direta. Isto posto, ainda que o único texto dedicado exclusivamente a tratar do Complexo de Édipo seja seu texto de 1924 intitulado, “*A Dissolução do Complexo de Édipo*”, a ideia de uma vivência edípica como marca da sexualidade humana o acompanha desde o início de seus escritos. Essa ideia ganha uma importância cada vez maior no desenrolar de suas descobertas e teorizações, de modo que vem a ocupar, como sabemos, o posto de complexo nuclear, decisivo para a constituição psíquica e para a sexuação. As primeiras referências à questão edípica irão aparecer ainda nos textos pré-psicanalíticos, especialmente nas cartas trocadas com Fliess, onde se lê uma primeira menção ao mito *Édipo Rei* da tragédia de Sófocles. Desde essa época Freud intui, a

partir dos relatos de seus pacientes, algum tipo de vivência ou desejo incestuoso como ponto de origem das neuroses. À medida em que vai reconhecendo as inter-relações entre sonhos, desejos inconscientes, sexualidade infantil e o tabu do incesto, Freud irá afirmar a centralidade da figura de Édipo como marca comum à origem do amor, da civilização e da moralidade.

Um primeiro aparecimento da questão edípica em Freud remonta ao sonho que teve logo após a morte de seu pai e que relata a Fliess na Carta 50 (1896). O sonho tem um teor de culpa, e é possível relacionar essa culpa, como nos indica a própria teoria psicanalítica, com o fato de já ter desejado a morte do pai na infância. Freud não admite neste momento essa relação em seu sonho, mas vem a admiti-la posteriormente. Outro sonho de Freud que aponta para a questão edípica é relatado por ele no Rascunho N (1897) que acompanha a carta 64 a Fliess. O conteúdo deste sonho revelaria sentimentos “supercarinhosos” por sua filha mais velha, Mathilde, pelo que se o pode interpretar como de teor incestuoso e edípico, o que Freud admite apenas parcialmente num primeiro momento. A leitura que fazemos desses sonhos de Freud é corroborada por suas próprias teorizações posteriores em “A Interpretação dos Sonhos” (1900-1901), onde fala dos sonhos sobre a morte de pessoas queridas e de sonhos edípicos disfarçados.

É na Carta 71 que irá aparecer a primeira menção direta ao mito de *Édipo Rei*, conforme descrito por Sófocles. Na carta, Freud relata ter se dado conta, a partir de sua autoanálise ter ele próprio vivenciado desejos incestuosos para com sua mãe na infância e defende uma universalidade da vivência edípica.

Um único pensamento de valor genérico revelou-se a mim. Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância (...) Sendo assim, podemos entender a força avassaladora de Oedipus Rex(...) a lenda grega capta uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da platéia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do seu estado atual. (Freud, 1897, p. 322)

É pelo aparecimento dos desejos edípicos nos sonhos (seus e de seus pacientes) que Freud irá superar sua teoria da sedução e propor a teoria da fantasia e ainda evidenciar sua teoria da sexualidade infantil. Desde esse momento, ainda que, todavia, não ocupe lugar

central, ou que tal lugar não seja ainda reconhecido, a consideração das vivências edípicas já será, pelo apresentado, de grande valia para os avanços de seu pensamento.

É apenas em 1910, contudo, no artigo “Um tipo especial de escolha feito pelos homens”, que faz parte dos artigos agrupados como *Contribuições à psicologia do amor*, que veremos pela primeira vez o uso da expressão Complexo de Édipo na obra freudiana. A expressão aparecerá exatamente na problematização das influências da vivência do Édipo na vida amorosa do homem adulto, demonstrando sua centralidade e efeitos decisivos na futura escolha da parceria amorosa. A noção de Complexo designa um “Conjunto organizado de representações e recordações de forte valor afetivo, parcial ou totalmente inconscientes”. (LAPLANCHE E PONTALIS, 2004, P. 70). Um complexo seria fator estruturante da psique e determinante de seu funcionamento. Sua formação se daria a partir dos relacionamentos vivenciados na infância. Para Freud, o complexo de Édipo seria o único complexo por excelência e os demais complexos mencionados em sua obra estariam subordinados a ele, sendo utilizados para designar a preponderância de alguma parte dele em determinado caso (por exemplo, o termo “complexo paterno”). Mesmo o complexo de castração cujas problematizações extrapolam a temática edípica estaria circunscrito ao complexo de Édipo. O uso do termo complexo teria sido introduzido à psicanálise por Jung, contudo o uso dado ao termo por Freud e Jung irá se diferenciar conforme as peculiaridades de suas respectivas teorias.

Um segundo momento de grande importância no desenvolvimento da noção de Complexo de Édipo e de grande relevância para a reflexão acerca de suas implicações psicossociais está em *Totem e Tabu* (1913). No texto a questão do incesto é discutida a partir das contribuições da antropologia cultural. O capítulo quatro, intitulado “O Retorno do totemismo na infância”, será especialmente dedicado à problematização antropológica em torno da questão edípica, tendo como ponto de partida a pergunta sobre a origem da exogamia e do horror ao incesto. Freud fará uma associação entre as vivências infantis e o totemismo a partir das semelhanças observadas entre o pensamento da criança e o pensamento dos povos primitivos, ambos marcados pela crença na onipotência do pensamento, (com um conseqüente caráter mítico), Freud irá comparar a lei totêmica, o tabu, à lei que decorre da vivência edípica, ambas culminando na instituição da proibição do incesto.

A proposta freudiana rompe com uma naturalização da lei do incesto. Para isso Freud recorre ao pensamento de Frazer, o qual afirma, nas palavras de Freud: “Não é fácil perceber

por que qualquer instinto humano profundo deva necessitar ser reforçado pela lei. Não há lei que ordene aos homens comer e beber ou os proíba de colocar as mãos no fogo (Freud, 1913, p. 133). Tal argumento evidencia o caráter cultural/artificial desta proibição que pode ser compreendida no pensamento freudiano como um dos pilares da cultura, isto é, da vida em sociedade.

Em sua proposta de relacionar Édipo e interdição ao incesto como codependentes, Freud (1913) recorre ainda ao mito da horda primeva, proposto por Darwin, acerca da origem da civilização. Segundo o mito, no início, os povos primitivos viviam em hordas ou grupos nos quais o macho chefe, detinha todo o poder e o monopólio sobre as mulheres do grupo. Num certo momento, os jovens se revoltaram e mataram o patriarca, e num ato de canibalismo devoraram seu corpo, incorporando-o, assim, a si mesmos. Freud associa esse ato à refeição totêmica e sublinha seu significado como um ato de identificação por incorporação. Por meio deste ato os assassinos se identificam como irmãos, como partícipes de uma mesma substância, assim como os membros da tribo ao matarem e se alimentarem do totem em um rito cerimonial. Em ambos os casos, como expõe Freud, trata-se de um ato proibido e a matança e refeição são seguidas de luto pelo morto, de maneira que o acontecimento traz consigo um misto de celebração e luto, liberdade e culpa. Deste modo, Freud afirma:

A psicanálise revelou que o animal totêmico é, na realidade, um substituto do pai e isto entra em acordo com o fato contraditório de que, embora a morte do animal seja em regra proibida, sua matança, no entanto, é uma ocasião festiva (...) A atitude emocional ambivalente, que até hoje caracteriza o complexo-pai em nossos filhos e com tanta frequência persiste na vida adulta, parece estender-se ao animal totêmico em sua capacidade de substituto do pai (Freud, 1913, p. 149).

A morte do pai, como a do totem, poderia desencadear o colapso da estabilidade do grupo, contudo, ao devorar o pai incorpora-se com ele sua lei, a qual, deste modo introjetada regulará as relações entre os membros. A culpa pelo parricídio será a base da moralidade, da organização social que surge com a morte do pai primevo. Por isso Freud (1913) afirmará que a origem da religião, da moral, da sociedade e da arte se voltam para o complexo de Édipo. A trama desse mito, além de permitir assinalar a origem da cultura e das religiões em função da culpa pelo parricídio, constituiria, portanto, uma construção teórica sobre a qual se fundaria o complexo de Édipo, complexo que parece reativar em cada indivíduo a questão do assassinato do pai. A análise do pequeno Hans, relatada em *Análise de uma fobia em um*

menino de cinco anos (1909) foi de grande valia para a observação da vivência edípica e em especial para a descoberta do complexo de castração, ponto crucial e definidor dentro do complexo de Édipo e de estreita relação com a função reguladora e proibitória que o Édipo adquire. Como já dito, a formação das instâncias morais da psique será herança do complexo de Édipo.

O complexo de Édipo influencia não apenas a formação moral do indivíduo e suas escolhas objetais, mas impacta a formação do próprio eu. No Édipo estão implicadas diversas formas de identificação com as figuras envolvidas no triângulo que o constitui. O texto *Psicologia das massas e análise do eu* (1921) pode ser considerado o próximo passo da discussão sobre a vivência edípica e suas repercussões. Nele, Freud nos aponta que a identificação é o tipo mais básico de laço afetivo que uma pessoa estabelece com outra. No complexo de Édipo sabemos que o indivíduo tomará uma das figuras como objeto de amor e sua afeição pela outra se expressará como uma identificação. As coisas, contudo, não são tão simples como podem parecer à primeira vista. Seja em sua versão positiva ou negativa, o indivíduo experimenta ao longo da vivência edípica inclinações objetais e identificatórias para com ambas as figuras envolvidas, definindo-se o Édipo como positivo ou negativo conforme a predominância de um tipo ou outro de investimento em cada figura e por seu fechamento que em geral consiste num direcionamento mais evidente da eleição de uma dessas figuras para o lugar de objeto e a outra como modelo identificatório, o que pode, contudo, não ocorrer de maneira tão clara em casos não raros.

As peculiaridades das vivências, laços e escolhas ocorridos no processo do complexo serão determinantes para a formação e funcionamento da psique, como para a identidade e personalidade do indivíduo e ainda para suas vivências amorosas e sua relação com o outro de modo mais geral, e têm, portanto, lugar primordial na vida afetiva do sujeito como em sua formação ética, mais uma vez demonstrando uma origem comum e um entrecruzamento dessas duas dimensões da vida humana. O superego, instância moral por excelência é, como nos relata Freud, resultado desse processo, e sua origem está ancorada, mas primeiras relações amorosas da vida do sujeito, o que nos traz mais uma vez não apenas à junção entre amor e ética, mas à sua origem comum nas vivências primárias marcadas pelo desamparo, condição que nos abre para o contato com o outro.

Em suma, segundo o exposto, vemos que o complexo de Édipo consiste na vivência de um conflito amoroso em que o indivíduo é constrangido a abrir mão da mãe como objeto de

amor, a reconhecer sua incompletude, seu desamparo, e submeter-se às exigências da cultura que delimitam o que ele deve ser e o que pode ou não fazer, abrindo mão assim de algo de sua satisfação em nome da vida em comum. O reconhecimento da alteridade (fundamento de toda ética) e a saída de uma posição narcisista e autoerótica seriam, portanto, o resultado esperado da conclusão do Complexo de Édipo. Este complexo coloca para o indivíduo as questões mais essenciais e determinantes no que tange a seu processo de constituição psíquica e como ser social. A psicanálise nos adverte quanto ao caráter fundamental que a passagem pelo complexo e a resposta do indivíduo a ele têm na determinação de sua estruturação psíquica e de seu possível adoecimento, de modo que toda a discussão e as diferenças referentes ao funcionamento próprio de cada um dos modelos de estrutura psíquica recorrerão às vicissitudes da experiência Edípica como ponto nodal de suas determinações, trate-se de uma psicose, neurose ou perversão.

As teorizações sobre o Édipo vêm assim a fortalecer grandemente a nossa proposta de encontramos no texto freudiano o amor como fator determinante no processo de constituição do indivíduo seja no que tange à seu desenvolvimento e saúde psíquica, seja no que corresponde e regula sua relação com o outro, sua ética, pois aponta sua condição humana como determinada pela qualidade desses laços amorosos. Mais do que isso, o Complexo de Édipo reúne a história afetiva do sujeito a partir da qual vão se definir suas escolhas amorosas, sua identidade, e em cuja dinâmica se dará seu encontro com a lei, com a castração, com sua realidade de ser limitado, com as imposições colocadas pela cultura, e neste momento se constroem os pilares de sua ética, sendo resultado do reconhecimento da alteridade e respectiva submissão aos ideais vindos desse outro afim de obter/não perder seu amor e ser aceito. No complexo de Édipo, fica marcado, portanto, de forma incisiva esse entrecruzamento entre amor e ética que buscamos apontar em nossa leitura do texto freudiano e explicitada sua origem comum que remonta ao desamparo inicial.

4.2 Do primeiro amor ao laço social, o *socius* como consequência e extensão das relações primordiais

Vimos que em *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914) Freud realiza uma primeira mudança em sua teoria da libido, a princípio postulada a partir da oposição entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais. Nela o eu não teria nenhuma influência da sexualidade, estaria

completamente a serviço da autoconservação. A partir da noção de narcisismo, no entanto, se compreende o eu como objeto de investimento da libido, apontando para a atuação da pulsão sexual sobre o eu. Esta primeira revisão teórica dará lugar a um segundo movimento, elaborado em *Além do Princípio do Prazer* (1920), pelo qual não apenas o eu será considerado como objeto de investimento da libido mas as pulsões de autoconservação, pelas quais ele seria responsável, serão reconhecidas em seu caráter libidinal e tomadas como de mesma ordem que as pulsões sexuais, dessa forma agrupadas sob a denominação de pulsões de vida, cujas forças opositoras serão, por conseguinte, tratadas por pulsões de morte.

Pulsões de vida e pulsões de morte serão deste modo definidas a partir de uma oposição entre o que seriam, respectivamente, forças construtivas e unificadoras, a serem agrupadas na palavra amor e forças destrutivas e desagregadoras que poderiam ser simplificadas sob o termo agressividade. O caráter e os efeitos dessas forças ficarão mais evidentes a partir da análise de sua manifestação em situações reais, tal como Freud o faz em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* ou, de modo ainda mais diretamente ligado à acontecimentos cotidianos em *Por que a guerra?* (1933) e *O Mal-estar na Civilização* (1930). Algo marcante nessa nova teoria da libido é a coincidência das pulsões de vida com Eros. Freud (1921) defenderá, nesta perspectiva, a libido como a energia das pulsões, relacionada a tudo o que se possa abranger sob a palavra amor. O amor, por sua vez, compreendido em seu sentido mais amplo, não se limitando a tratar das relações que se encaminham para uma união sexual propriamente dita, mas entendido como força unificadora, responsável por todos os laços humanos e sua manutenção. É essa perspectiva que justifica a referência a Eros. Nas palavras de Freud, “o Eros do filósofo Platão coincide exatamente com a força amorosa, a libido da psicanálise” (FREUD, 1921, p. 97). As pulsões sexuais serão assim reconhecidas como Eros, o que conserva todas as coisas vivas e as mantém unidas.

A nova teoria da libido marcará a leitura freudiana acerca das questões sociais e dos fenômenos de grupo. Freud introduz o texto de *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (Psicologia de Grupo e Análise do Ego na versão standard), de 1921, afirmando a impossibilidade de pensar o eu sem o outro, ou o indivíduo isolado de seu meio social. Nesta perspectiva afirma toda psicologia individual como sendo também, e ao mesmo tempo, social e vice-versa. O indivíduo é assim sempre pensado nas relações. Freud se apresenta, contudo, contrário á ideia de algum tipo de instinto gregário inato ao humano. Em sua concepção a vida em sociedade se origina e se justifica a partir da condição inicial de desamparo que dará lugar

às relações primordiais da vida do indivíduo, de modo que as demais relações são consequência e prolongamento destas. Ou seja, o sujeito só será capaz de estabelecer laços com outras pessoas em consequência das primeiras relações, da dívida simbólica nelas implicada, e tomando-as como modelo, seja para a identificação ou para os investimentos objetivos. Todas as relações, e, poderíamos dizer, a própria existência da sociedade, estão dessa forma fundamentados no amor recebido pelo desvalido, investimento afetivo que não apenas o salva da morte, mas o tira de sua prisão narcísica e o lança no campo do *socius*. O reconhecimento da alteridade e a submissão à lei são, pois, fruto do amor recebido e da dívida simbólica que dele decorre, sendo o desamparo e a ação do outro para com o desamparado o ponto de partida para se falar tanto do amor como da ética na vida humana.

À luz da noção de Eros, a fundação, organização e manutenção de uma sociedade seriam, portanto, baseadas nos laços afetivos construídos entre seus membros em prol de ideais comuns. Nas palavras de Freud, “só o amor atua como fator civilizador” (Freud, 1921, p. 130). Isto é, um indivíduo só abre mão de parte de seu narcisismo em função de um laço libidinal com outras pessoas, e a manutenção dessa limitação do narcisismo só persiste enquanto houver um ganho imediato relativo à relação com essas pessoas. Esta lógica é tão clara na organização da sociedade totêmica quanto na sociedade moderna. Na primeira observa-se que os tabus são construídos em função da culpa pelo parricídio, no sentido de limitar o narcisismo de seus membros para evitar que algo semelhante volte a ocorrer, assegurando, com isto, a manutenção da estrutura social e a qualidade das relações que nesta se desenvolvem. Na segunda, esta mesma lógica se estabelece e é ilustrada por Freud a partir da análise do funcionamento de duas instituições, a igreja e o exército, categorizados por ele como grupos altamente organizados, permanentes e artificiais.

No caso destes grupos/instituições presentes na sociedade moderna, o lugar do líder, que outrora era ocupado pela figura do totem, cujo representante real era um animal e cuja função se constituía em uma relação mística, é agora substituído por uma figura humana ou por um ideal. Sobre esta figura/ideal, repousarão as mesmas fantasias que sobre a do totem (representação do pai primevo), e tal entidade terá papel central na formulação das leis, hierarquias e princípios que regularão o funcionamento da instituição, por conseguinte os laços entre seus membros e por fim a sociedade como um todo. A renúncia às satisfações pulsionais será a consequência, o preço, para não perder o amor dessa autoridade externa, e, podemos dizer que é a partir dessa renúncia que a civilização surge.

A formação de um grupo que Freud caracterizaria como primário consiste em “[...] um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal de eu e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu Eu” (Freud, 1921, p. 147). Neste tipo de grupo, os membros se igualam pela identidade que o líder/ideal lhes oferta, identificação manifesta, por exemplo, nas situações em que os indivíduos vestem-se da mesma forma, têm certos comportamentos em comum e compartilham valores específicos do grupo. Dessa maneira, podemos dizer que o líder/ideal tem uma função estrutural para os sujeitos, visto que, a ilusão de que ele ama a todos da mesma forma, de que os torna iguais, os coloca em um mesmo patamar, o que permite a manutenção da identificação entre os membros, havendo uma alteração no nível do Eu ao incorporar para si os valores do grupo. Freud aponta também que há uma satisfação substitutiva no laço, uma aposta do sujeito na troca ou no retorno que o outro pode propiciar a este; porém, essa satisfação se dá sempre de forma incompleta e sem a figura do líder (ou ideal comum) o laço libidinal se desfaz e o grupo se desorganiza.

Em determinadas circunstâncias estes fenômenos ganham proporções exacerbadas, de modo que os membros se ligam em um nível identificatório tal que perdem, por assim dizer, sua individualidade. É como se compartilhassem um único Eu. Perdem ainda sua capacidade crítica em um fenômeno nomeado por Freud como fascínio, estado que ele compara ao da hipnose, pelo qual o líder (ou ideal) é investido por uma dose considerável de libido narcísica por parte dos membros do grupo. Desta forma, recoberto pelo manto das idealizações que repousam sobre ele, o líder é amado, pois a ele são atribuídas as perfeições que o Eu dos membros do grupo deseja alcançar, e este amor passa a constituir assim um meio indireto para a satisfação do narcisismo dos mesmos.

Colocado neste lugar, do Ideal do Eu, essa instância que determina o que devemos ser, tudo o que ele faz e solicita é tido como bom e ele passa a regular a forma de satisfação desses sujeitos. A capacidade crítica do Supereu se esvai e os membros do grupo assumem uma postura de servidão ante a figura do líder. Quando isso ocorre de maneira radical, o líder ou ideal é tomado como par complementar, como se pudesse de fato devolver ao sujeito seu estado inicial narcísico de plenitude, crença que faz o eu dos membros retornar a um estado de Eu Ideal, vivido no narcisismo primário, no qual apaga-se toda a crítica e o reconhecimento da alteridade. Esta perspectiva nos permite entender acontecimentos que nos parecem impensáveis, como a perseguição dos judeus e outras minorias pelos nazistas, ou, em fatos

mais atuais, os atos terroristas por parte de grupos político-religiosos fundamentalistas, enfim, toda sorte de violência contra os que não fazem parte do “meu grupo”.

Estas posturas revelam uma atitude de aversão e agressividade aos estranhos que teria a finalidade de proteção narcísica, e que no grupo, para que o laço se mantenha, é desviada, pois os membros do grupo comportam-se como se fossem uniformes, e toda a hostilidade natural dos indivíduos, isto é, sua pulsão de morte é direcionada para os que estão fora, os quais passam a constituir-se em rivais, como ameaça à homeostase dos laços intra-grupo. Este direcionamento da agressividade para os rivais consiste num movimento de afirmação da identidade grupal. Movimento parecido já havia sido descrito por Freud em *Instintos e suas Vicissitudes* (1915). No texto, Freud aponta que o ódio é anterior ao amor, tem suas raízes no narcisismo, atua a favor da proteção narcísica, enquanto o amor é que permite uma superação do narcisismo em prol da relação com o outro. Vemos aí o amor como fator fundamental ao reconhecimento da alteridade e, por isso, à ética das relações. Compreendemos ainda, por meio das observações freudianas, o amor como fruto da passagem de um estado narcísico primário marcado pelo ódio ao não-eu que se coloca como defesa ante à fragilidade e passividade que marcam a vida do infante e sua constituição psíquica inicial (sua condição de desamparo), para uma abertura e reconhecimento gradual do outro como diferente de si e potencial objeto da libido, isto é, para uma posição em que a satisfação (parcial) inclui o outro em seu caráter alteritário (não o reduz à mesmidade).

A manifestação de Eros na esfera das relações sociais se expressaria, portanto, por meio de laços de identificação. A identificação, segundo Freud, seria o modelo mais remoto de relação com outra pessoa, remete à fase oral, à lógica da incorporação (o que fica bem exemplificado na alusão à refeição totêmica e no mito da horda primeva de que Freud nos fala em *Totem e Tabu* (1913), texto do qual já tratamos neste trabalho). Na identificação o outro será tomado como modelo do que se quer ser, enquanto na relação objetual o outro ocupará o lugar daquilo que se quer ter. Como já afirmamos, também as identificações e não apenas as relações objetuais, derivam das relações primordiais com o par parental. Mais uma vez estão justificadas e fundamentadas na relação com os cuidadores todas as demais relações a serem estabelecidas por uma pessoa em sua vida. É este amor recebido que insere o indivíduo na relação com o outro, que o capacita para o reconhecimento e abertura ao campo da alteridade e lhe confere uma identidade. É por amor que o sujeito se submete à lei, e esse amor ao outro

é fruto do amor recebido outrora de um outro. O amor é, pois, fruto da relação com o outro e, ao mesmo tempo, razão para esse laço, para sua manutenção.

Conforme nos ensina Freud, Eros tem grande responsabilidade no processo de civilização que a humanidade sofre, assim como no processo de desenvolvimento do indivíduo; tais processos seriam, portanto, de mesma natureza e teriam sua origem comum em Eros. Esse fator comum permitirá traçar uma analogia entre esses dois processos. Dentro dessa analogia, Freud irá afirmar que, da mesma forma como no indivíduo, a sociedade desenvolve um superego cultural responsável por sua evolução cultural. A formação desse superego cultural seria semelhante ao processo que se dá no indivíduo, conforme sua época, carregaria como marca o exemplo dos grandes líderes e personalidades que a antecederam. Não por acaso, muitas dessas figuras, tais como a do pai primevo que só alcançou seu caráter mítico e sua influência por meio de sua morte, teriam sido perseguidas e mesmo mortas em seu tempo. Freud localiza como exemplo primordial a figura de Jesus Cristo, que se sagrou por meio de sua cruel morte. Outra semelhança entre os superegos cultural e individual seria o caráter normativo, carregado de ideais cuja desobediência incorre em punição. Freud observa ainda que,

“O superego cultural desenvolveu seus ideais e estabeleceu suas exigências. Entre estas as que tratam das relações dos seres humanos uns com os outros estão abrangidas sob o título de ética. [...] a ética deve ser, portanto, pensada como uma tentativa terapêutica – como um esforço por alcançar, através de uma ordem do superego, algo que até agora não conseguido por meio de quaisquer outras atividades culturais [...] como livrar-se do maior estorvo à civilização – isto é, a inclinação, constitutiva dos seres humanos, para a agressividade mútua...” (FREUD, 1930, p. 148).

A concepção freudiana de Eros seria, talvez, o ponto fundamental para validar nossa proposta de relacionar amor e ética no texto freudiano considerando o processo de constituição psíquica e do social. A partir do entendimento de amor que a noção de Eros acarreta, podemos dizer que o amor, ao fazer laço com o outro, submetendo a pulsão à cultura, torna-se guardião da ética. A questão que persiste, e nos é colocada por Freud, é até que ponto o amor, Eros, é capaz de ser bem-sucedido na luta contra a agressividade e destrutividade humanas. Não temos dúvida, no entanto, de que ele é a única força capaz de fazer frente a esse não menos poderoso inimigo. Afirmamos pois, o lugar do amor como sustentáculo de toda ética humana, visto que a tarefa de promover e preservar os laços humanos, e com estes a vida em sociedade, não seria possível sem a ação dessa força, não se sustentaria por uma

simples imposição de lei, pois como vimos, a própria submissão á lei se dá em função do laço com o outro fruto do amor recebido na resposta ao desamparo inicial.

5 CONCLUSÃO

Ao designar o amor submetendo-o a noção de Eros e conceber Eros como a força que se opõe às forças destrutivas no humano, Freud coloca o amor sob um horizonte ético, e com uma função ética determinada, enquanto, como afirma em suas palavras “único fator civilizador”, isto é, aquilo que permite os vínculos humanos, sua manutenção e saúde. O amor caminha, assim, de mãos dadas com o reconhecimento da alteridade, com a prevalência do bem comum sobre o individual, tendo, pois, como seu maior inimigo, não o ódio, como a princípio se poderia supor, mas o narcisismo. Parece bastante contraditório colocar isto, uma vez que localizamos, conforme a orientação freudiana, o narcisismo como modelo para o amor. O narcisismo, no entanto, precede ao amor e ao ódio, sendo possível encontrar nele as raízes de ambos. O ódio, contudo, é anterior ao amor, como vimos com Freud em *Os Instintos e suas Vicissitudes* (1915).

No mesmo texto vemos, como apontado anteriormente, que o ódio está compromissado com a defesa do ego ante ao mundo, nesse sentido contribui para a manutenção de uma posição narcísica, de um fechamento em si e de uma visão hostil do outro que justifica o direcionamento da agressividade para o que é tomado como não-eu. O amor, contudo, se institui como aquilo que permite a abertura para a relação com o outro, permite que o desejo se direcione para o objeto pois reconhece em si a falta e ao reconhecer a falta reconhece a dívida simbólica, reconhecendo, por fim, o outro em seu caráter alteritário, isto é, considerando-o em sua integridade enquanto indivíduo/pessoa humana.

É, pois, a vivência do desamparo e o amor recebido desse outro primordial que justifica que o indivíduo abra mão de parte de seu narcisismo para estabelecer laços com outras pessoas, as invista afetivamente, e tal investimento dá/reconhece um valor ao outro, valor que justifica, por sua vez, seu status enquanto desejável e com isto sua não destruição, isto é, uma contenção de boa parte da agressividade que estaria, na vivência do narcisismo, totalmente direcionada ao que é externo a si. Assim, não é difícil compreender que, se o indivíduo se fixa em uma posição narcísica, aprisiona-se em si mesmo, fazendo de si medida para o mundo, tomando tudo o que é bom como parte de si, o que deflagra uma relação utilitarista para com o outro que é reduzido à mesmidade e deste modo anulado enquanto

sujeito; e tornando tudo o que é considerado como não-eu ameaçador (possível fonte de desprazer) e, portanto, passível de destruição. O ódio é, pois, apenas ferramenta ou efeito do narcisismo, sendo assim o narcisismo o grande opositor do amor (amor aqui compreendido como sinônimo do Eros freudiano), o que coloca como principal dilema e desafio ético da existência humana a relação com o outro, ou o conflito de forças inerente a esta relação, entre uma disposição auto-erótica e uma disposição objetal da pulsão, estando ambas presentes ao longo de toda a vida humana. É pois o grande desafio ético de cada sujeito o equilibrar estas duas disposições em sua vida, de modo a conviver bem em sociedade, sem para isso negligenciar à sua satisfação pessoal a ponto de adoecer. Este mesmo desafio ético recai sobre a sociedade como um todo.

Esse equilibrar destas disposições poderia ser descrito em termos do grau de aceitação ou negação da castração, ou ainda da passagem de um eu ideal para um ideal de eu. Assim, não é a toa que os sintomas neuróticos estão fundamentados neste conflito e que Freud aponta como causa destes uma espécie de aprisionamento a um funcionamento pulsional conforme as disposições próprias da infância, sendo esta a razão de seu adoecimento, disposições precisamente marcadas por um teor mais narcisista e auto-erótico, visto que o que se tem como horizonte ou ideal quanto ao desenvolvimento psico-afetivo é o abandono (ainda que nunca total) destas posições, tendo por consequência uma capacidade mais plena de diferenciação de si do outro, por conseguinte o reconhecimento do outro de modo que o indivíduo se torne autônomo, capaz de responsabilizar-se por seu próprio desejo, responsabilização que fundamenta o que se poderia chamar de uma ética psicanalítica.

Sabemos, porém, que sempre conviveremos com algum resquício destas posições e funcionamentos infantis cujo caráter não é passível de plena extinção. É este, contudo, o papel da psicanálise e sua direção no tratamento, permitir que o sujeito desenvolva da maneira mais plena quanto for possível sua capacidade de amar, assegurando assim, duplamente, a saúde pessoal do indivíduo e a saúde do laço social, sendo estas, pois, interligadas e mutuamente necessárias. É, por fim, com base nesta leitura do texto freudiano apresentada ao longo deste trabalho que sustentamos a proposta de apontar interfaces entre amor e ética no pensamento psicanalítico.

REFERÊNCIAS

COSTA, Ana. *Sonhos*. Rio de Janeiro, Zahar 2006.

FERREIRA, Nádia P. *A teoria do amor*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. (Psicanálise passo-a-passo, 38).

FREUD, Sigmund. A Dissolução do Complexo de Édipo (1924). In: _____. *O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19. p. 193-201. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Tradução de Jayme Salomão. Versão inglesa de: James Strachey. Original alemão.

FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos I (1900)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 4. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Tradução de Jayme Salomão. Versão inglesa de: James Strachey. Original alemão.

FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos II e Sobre os Sonhos (1900 - 1901)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 5. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Tradução de Jayme Salomão. Versão inglesa de: James Strachey. Original alemão.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: _____. *Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 18. p. 13-72. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Tradução de Jayme Salomão. Versão inglesa de: James Strachey. Original alemão.

FREUD, Sigmund. Carta 50 (1896). In: _____. *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1. p. 287. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Tradução de Jayme Salomão. Versão inglesa de: James Strachey. Original alemão.

FREUD, Sigmund. Carta 52 (1896). In: _____. *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1. p. 287-293. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Tradução de Jayme Salomão. Versão inglesa de: James Strachey. Original alemão.

FREUD, Sigmund. Carta 71 (1897). In: _____. *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1. p. 320-323. (Edição standard

brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Tradução de Jayme Salomão. Versão inglesa de: James Strachey. Original alemão.

FREUD, Sigmund. Contribuições à psicologia do amor (1910 – 1918). In: _____. *Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 11. p. 169-217. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Tradução de Jayme Salomão. Versão inglesa de: James Strachey. Original alemão.

FREUD, Sigmund. *Estudos sobre a Histeria (1893-1895)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 2. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Tradução de Jayme Salomão. Versão inglesa de: James Strachey. Original alemão.

FREUD, Sigmund. Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna (1908). In: _____. *“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 9. p. 167-186. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Tradução de Jayme Salomão. Versão inglesa de: James Strachey. Original alemão.

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização (1930[1929]). In: _____. *O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21. p. 67-151. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Tradução de Jayme Salomão. Versão inglesa de: James Strachey. Original alemão.

FREUD, Sigmund. Os Instintos e suas Vicissitudes (1915). In: _____. *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14. p. 117-144. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Tradução de Jayme Salomão. Versão inglesa de: James Strachey. Original alemão.

FREUD, Sigmund. Por que a guerra? (1933[1932]). In: _____. *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 22. p. 203-220. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Tradução de Jayme Salomão. Versão inglesa de: James Strachey. Original alemão.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: _____. *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1. p. 379-381. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Tradução de Jayme Salomão. Versão inglesa de: James Strachey. Original alemão.

FREUD, Sigmund. Psicologia de Grupo e a Análise do Ego (1921). In: _____. *Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 18. p. 75-146. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Tradução de Jayme Salomão. Versão inglesa de: James Strachey. Original alemão.

FREUD, Sigmund. Rascunho E (1894). In: _____. *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1. p. 241-247. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Tradução de Jayme Salomão. Versão inglesa de: James Strachey. Original alemão.

FREUD, Sigmund. Rascunho N (1897). In: _____. *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1. p. 310-313. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Tradução de Jayme Salomão. Versão inglesa de: James Strachey. Original alemão.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo uma introdução (1914). In: _____. *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14. p. 77-108. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Tradução de Jayme Salomão. Versão inglesa de: James Strachey. Original alemão.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. *Um Caso de Histeria e Três Ensaio sobre a Sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7. p. 119-231. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Tradução de Jayme Salomão. Versão inglesa de: James Strachey. Original alemão.

FREUD, Sigmund *apud* BETTELHEIM, Bruno. *Freud e a alma humana*. São Paulo: Cultrix, 1982.

GAY, Peter. *Freud, uma vida para o nosso tempo*. Companhia das Letras: São Paulo, 1989.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEJARRAGA, Ana Lila. *Paixão e Ternura: um estudo sobre a noção de amor na obra freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ, 2002.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. *Figuras de alteridade no pensamento freudiano*. 2002. (Doutorado em Psicologia Clínica) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

SAVATER, Fernando. *Ética para um Jovem*. Lisboa. Editorial Presença, 1994.